



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DORVALINO REFEJ CARDOSO

**KANHGÁG JYKRE KAR - FILOSOFIA E EDUCAÇÃO KANHGÁG E A
ORALIDADE: UMA ABERTURA DE CAMINHOS**

Porto Alegre

2017

DORVALINO REFEJ CARDOSO

**KANHGÁG JYKRE KAR - FILOSOFIA E EDUCAÇÃO KANHGÁG E A
ORALIDADE: UMA ABERTURA DE CAMINHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

ORIENTADORA:

Prof.^a Dr.^a Magali Mendes de Menezes.

LINHA DE PESQUISA:

Universidade: Teoria e Prática.

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Cardoso, Dorvalino Refej
Kanhgág Jykre Kar - Filosofia e educação kanhgág e
a oralidade: uma abertura de caminhos / Dorvalino
Refej Cardoso. -- 2017.
90 f.

Orientadora: Magali Mendes de Menezes.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Interculturalidade. 2. Sabedoria. 3.
Conhecimento. 4. Diálogo. I. Menezes, Magali Mendes
de, orient. II. Título.

DORVALINO REFEJ CARDOSO

**KANHGÁG JYKRE KAR - FILOSOFIA E EDUCAÇÃO KANHGÁG E A
ORALIDADE: UMA ABERTURA DE CAMINHOS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Prof.^a. Dr.^a. Maria Aparecida Bergamaschi (UFRGS)

Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa (UFPel)

Prof. Dr. Walmir Pereira (UNISINOS)

Prof.^a. Dr.^a. Magali Mendes de Menezes (Orientadora)

Prof. Dr. Luis Henrique Sacchi dos Santos
Coordenador do PPGEDU/UFRGS

Porto Alegre, julho de 2017.

A meu povo Kanhgág.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Magali Mendes de Menezes, por ter aceitado me orientar em mais esta etapa de formação.

Aos meus familiares pelo apoio e incentivo, principalmente dos meus filhos.

Às minhas colegas de graduação Carla, Fernanda, Carol e em especial Ana Isabel, que me incentivou e auxiliou em cada etapa dessa jornada.

À liderança indígena, em especial, ao cacique Antônio dos Santos e a toda comunidade, a qual sempre representei.

Aos professores da FACED, em especial à Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Bergamaschi, por representar os estudantes indígenas, dentro do espaço acadêmico.

Ao Prof. Jaime, ao Milton Mulet e ao Evandro pela amizade, respeito e compreensão que sempre me dispensaram.

Em memória a meus pais, Jango Cardoso e Benta, germinado a boa semente, que segue dando frutos.

Ao Reitor desta universidade, por ter acolhido ao Programa de Cotas dentro deste espaço, proporcionando que muitos indígenas adentrem a este espaço para estudar e modificar a realidade em que vivem.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos, proporcionando assim um tempo para que me dedicasse ao estudo e a escrita deste trabalho.

Philo Sophia, em grego, amor a sabedoria.
(atribui-se a criação da palavra à Pitágoras)

Jykre há s ãgvĩ, esta é forma que encontrei de traduzir a palavra
FILOSOFIA para a minha língua kanhgág. Significa o
pensamento como algo bom e bonito, capaz de acolher e
compartilhar. É todo o mundo kanhgág.

Dorvalino

Vēnhrá rá zỹ kónén ge ja

Vēnhrá tag tỹ kanhgá gjykre, karó,vējēnkre karó vējēnkre kar vāmer to rág kǎnĩ. Vējykre krikrig tĩ ēg vē. Kanhgág tỹ koroado ag nég ū hyghag fǎ ēg vē. Ti si kar vējēnkre tag tỹ, tỹ ĩn Kǎmĩ jag mỹ gé kenh fǎ kǎmĩ tỹ jag jēgkrenh ke ný tĩ. Vēnh nũnē e, nég ū há ki ra ke, kar nég ū hag tỹ ū nĩ ke ag. Isý ēg tỹ kar nég ū rágrág vē, gĩr karágrág mũ. Kar kanhgág mré há ag mỹ. Fóg jykre tỹ ēg, jykre to hǎ nýtĩ ēg rág sóg ke gé Freire (1992), Kusch (2000), Bergamaschi (2015) Fornet-Betancourt (2015) fag. Kanhgág ag rágrág ja ū kegé, ti si ag kar kujá ag jykre rá vē gé. Kanhgág jykre tỹ inh mỹ sér tĩ, ū tỹ ū nýtĩ tóg e nýtĩ gé, ag mỹ ke vē gé. Vǎhǎ sỹ rág nĩ, hǎra pi krýn já nĩnh, vēnh vāmer tag ti. Ū tỹ vējykre tag vegve jé jag mré karágrág kǎn jé.

Ū tỹ ū nýtĩ – ūg karó - kar ūg kĩnhra - tóg to vāmigmég ke n tỹ tĩ.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado intitulada Kanhgág Jykre Kar Filosofia e Educação Kanhgág e a oralidade: Uma abertura de caminhos, trata da organização social do povo indígena Kanhgág Coroadó/RS, sua história, educação, a escola indígena e sua proposta indígena diferenciada, o bilinguismo, a inclusão e a interculturalidade. Tem como objetivo registrar a oralidade para orientar meu povo e os professores indígenas e não indígenas, que possuem interesse e atuam nas escolas indígenas ou em temáticas sobre o mundo indígena. O aporte teórico foi baseado nos escritos de Freire (1992), Kusch (2000), Bergamaschi (2012), Fornet-Betancourt (2015), além de outras pesquisas indígenas que escreveram sobre esta temática. Foram ouvidas as pessoas mais velhas (Ti Si Ag) e os pajés (Kujá), valorizando seus conhecimentos e suas sabedorias. Destaco a importância de um pensar indígena, abrindo a compreensão de um mundo povoado por diferentes culturas e. O mundo Kanhgág visitado, vislumbrado com outros olhares. As trocas vivências. O trabalho propôs uma abertura de caminhos, um diálogo que precisa continuar interculturais precisam acontecer para que novas aprendizagens possam surgir.

Palavras-chave: 1. Interculturalidade; 2. Sabedoria; 3. Conhecimento; 4. Diálogo.

RESUMEN

La presente disertación de maestría titulada "Kanhgág Jykre Kar Filosofia e Educação Kanhgág e a oralidade: Uma abertura de caminhos" trata de la organización social del pueblo indígena Kanhgang Coroado/RS, su historia, su educación y escuela indígena junto con su propuesta de hacerla diferenciada, el bilingüismo, la inclusión y la interculturalidad. Tiene como objetivo, al registrar la oralidad, orientar a mi pueblo y a los profesores indígenas y no indígenas, que poseen interés por actuar en las escuelas indígenas o en las temáticas sobre el mundo indígena. El abordaje teórico se basa en escritos de Freire (1992), Kusch (2000), Bergamaschi (2012), Fonet-Betancourt (2015), además de otras investigaciones indígenas que escriben sobre este tema. Fueron escuchadas la personas mayores (Ti Si Ag) y los pajés [chamanes] (Kujá), valorando sus conocimientos y sus sabidurías. Destaca la importancia de un pensar indígena abriendo la comprensión de un mundo poblado por diferentes culturas y vivencias. El trabajo propone "un abrir de caminos", en un diálogo que necesita continuar. El mundo Kanhggág vislumbrando desde otras interpretaciones. Los trueques, los intercambios interculturales deben suceder para que nuevos aprendizajes puedan surgir.

Palabras-Clave: 1. Interculturalidad; 2. Sabiduría; 3. Conocimiento; 4. Diálogo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mito de Formação: 1ª versão.....	22
Figura 2 - Mito de Formação: 2ª versão.....	23
Figura 3 - Mito de Formação: 3ª versão.....	25
Figura 4 - Kamẽ e Kanhru.....	27
Figura 5 - Viúva.....	33
Figura 6 - Morte.....	37
Figura 7 - Animais.....	42
Figura 8 - A Terra.....	45
Figura 9 - Língua.....	48
Figura 10 - Culinária.....	51
Figura 11 - Ervas Medicinais.....	52
Figura 12 - Educação.....	60
Figura 13 - Água e Terra.....	64
Figura 14 - A caminhada.....	87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. PARTIR DA VIDA PARA ENTENDER O QUE SE BUSCA.....	17
3. A FILOSOFIA KANHGÁG.....	22
3.1 O mito da formação de Kamê e Kanhru.....	22
3.1.1. A primeira versão.....	22
3.2.2. A segunda versão.....	23
3.2.3. A terceira versão.....	24
3.2. Sistemas das metades: Kamê e Kanhru.....	26
3.3. Casamento cultural Kanhgág no passado.....	28
3.3.1. Diferentes formas de casamento dentro da cultura Kanhgág.....	30
3.4. Viúva.....	33
3.4.1. O ritual da viúva.....	34
3.5. Morte: morrer não é acabar.....	36
3.6. O ciclo da vida.....	37
3.7. O espírito da natureza: Kujá.....	40
3.8. Os animais: uma forma de aprender.....	42
3.9. A Terra.....	44
3.10. Linguagem e língua.....	45
3.11. O tigre e o macaco.....	48
3.12. Cantos e danças.....	50
3.13 Culinária Kanhgág.....	51
3.14. Ervas medicinais.....	52
3.15. A festa do Kiki Konh.....	53
4. A EDUCAÇÃO KANHGÁG.....	57

4.1 Educação fora da escola: a oralidade e a escrita.....	57
4.2 A interculturalidade: a contribuição da sabedoria Kanhgág para a Educação.....	61
4.2.1. Cultura e identidade: passado projetando o futuro.....	61
4.2.2. Aprendendo com a natureza.....	66
4.3. Experiências: a contribuição da educação Kanhgág na proposta de uma educação intercultural.....	69
4.3.1. Primeira temática: livro sobre as vivências indígenas.....	70
4.3.2. Segunda temática: trabalhando os números a partir do contexto.....	72
4.4. Experiências: uma viagem para encontrar Rodolfo Kusch (e meu povo).....	80
4.4.1. A chegada à Maymará.....	81
4.4.2. Os passeios pela cidade de Kusch.....	82
5. O CAMINHAR CONTINUA.....	86
REFERÊNCIAS.....	88

1. INTRODUÇÃO

A Filosofia e Educação Kanhgág, o conhecimento oral, são estes os saberes que quero registrar.

Quando falo Filosofia quero dizer todo conhecimento Kanhgág que se forma desde kamẽ e kanhru, através de dois símbolos, de duas escritas. A partir daí tudo se define sobre este povo. Nosso povo não é analfabeto, tem uma leitura da oralidade, tem este domínio, pois vivem esta simbologia, mas no mundo não indígena meu povo é analfabeto.

Educação é quando tu segues uma filosofia, um critério de vida. Os nossos sábios, pajés tem o compromisso de nos passar este ensinamento. A educação tem o compromisso de nos tornarmos humanos. Podemos dizer que este princípio forma uma proposta pedagógica para nossas escolas. Filosofia e Educação tem, portanto, uma profunda relação.

Este trabalho teve como objetivo registrar a oralidade a partir da fala dos mais velhos para orientar meu povo e os professores indígenas e não-indígenas, que possuem interesse e atuam nas escolas indígenas ou em temáticas sobre o mundo indígena.

Escrever a oralidade é contar sobre a cultura, mas não só, porque tudo do índio está na oralidade; por exemplo, se comunicar com uma árvore não está escrito, e o indígena consegue entender a comunicação com/da natureza; a crença é algo que tu não consegue nem explicar, quando muito escrever. Por isso, a escrita sempre será incompleta, porque não conseguimos (e nem queremos) esgotar o sentido da oralidade.

Escrever sobre a oralidade é falar de sua importância para o povo Kanhgág. A preocupação que tenho será sempre a de guardar o segredo do meu povo.

A oralidade é uma transição para o mundo da escrita (como desenho, símbolo e palavra). É desse modo, que este trabalho também trará muitos desenhos, estes são minha escrita. Como também mitos, histórias, formas de falar que meu povo carrega. Tudo isto está junto, porque no pensamento Kanhgág estas coisas não estão separadas.

Trago a sabedoria presente em minha cultura, Kamẽ com Kanhru. A bolinha é uma esfera e o retângulo retas, tudo isto é o mundo da escrita Kanhgág; as metades em suas representações simbolizam as partes do dualismo, que também se complementam. A partir dessas metades nasce o alfabeto da própria língua kanhgág.

Conseguimos desembaraçar toda uma filosofia através destas duas simbologias. Falamos do casamento, das viúvas (representação do veneno), do Pënh, os cantos, dos animais, da natureza, de tudo. Cada um destes elementos faz parte desta escrita que traço aqui.

A língua do rio, da árvore, da cosmologia, ninguém consegue escrever.

O pensamento Kanhgág é em forma de esfera, como o planeta, porque ele sai do presente, vai para o futuro e volta para o passado. É um pensamento cíclico, em que tudo volta a ser presente, tudo se traz para o presente.

Descrevo então alguns pontos importantes da filosofia Kanhgág. Como este texto foi construído? Tudo isto foi feito através de conversas com os mais velhos. Entrevistas em que a escuta é muito importante. É preciso não interromper quem fala, nem ter pressa; anotar alguns dados, e só depois é que fui organizando o texto no caderno onde escrevo. As dúvidas que surgiram fizeram parte do segundo momento, onde pude retomar a entrevista com os mais velhos trazendo neste momento novas perguntas. Depois da conversa eu relia, organizava as ideias e surgiam novas perguntas que foram retomadas com as pessoas que fizeram a conversa comigo.

A universidade chama isto de metodologia, para mim é o caminho que tenho para acessar esta sabedoria, escutar o outro. A pesquisa foi então o registro da narrativa da memória dos mais velhos, acompanhada por minhas anotações.

A pesquisa tem o tempo certo de quem vai passar os conhecimentos. O tempo do pesquisador é o tempo do pesquisado. Não se chega e se “abre a conversa”, é preciso um tempo para que a conversa aconteça.

Eu cito alguns autores como Maria Aparecida Bergamaschi, Zaqueu, Bruno, entre outros, mas as principais citações que farei serão as falas dos mais velhos. Por isso, tive dificuldade de fazer citações. Quando falava com uma pessoa mais velha entendia que aquela não era sua fala, mas a fala de um povo. Como então identificar a autoria da fala, se por trás de quem fala de um povo, tem muitas outras pessoas?

Estas narrativas também me fazem pensar no conhecimento que tenho, se este se confirma ou não em minhas conversas com sábios. Volto então afirmar que quando trago um conhecimento, uma fala de alguém para dentro do trabalho, não é um conhecimento individual, mas de um povo tirado da própria natureza. Quando escrevo sobre os animais, escrevo o que eles ensinaram. Quando falo dos rios, da cosmologia, dos remédios, das plantas

– tudo isto está vinculado a uma crença, em tudo que meu povo acredita. Por isso, fica difícil falar inclusive de uma autoria do próprio conhecimento, pois o conhecimento vem da natureza que “anda”, isto é, que transmite conhecimento.

Conversei então com duas pessoas que foram Lurdes Nĩpre (da terra indígena de São Leopoldo) e Luiza (terra indígena de Votouro). Ambas as pessoas permitiram a divulgação de suas compreensões e conhecimento, mas querem o retorno de tudo que será produzido na pesquisa. Elas falam desta forma porque no passado de todos aqueles que foram até elas e fizeram entrevistas. Comentam que nem sequer foram até a aldeia tomar chimarrão.

Hoje eu sou o único que vai fazer isto. Por este histórico até para mim ficou muito difícil de começar a conversar. Não foi pelo fato de também ser indígena que a conversa foi fácil. Foi preciso recuperar a confiança e só assim, elas se abriram para contar esta sabedoria.

Nossos conhecimentos têm um valor enorme, não há nada que pague a transmissão deste saber.

Infelizmente, a Universidade é responsável por isto, em tornar o conhecimento uma mercadoria. Lembro-me de antropólogos que passaram tempos em minha casa. Vejo que este tempo é importante para conseguirmos entre os não indígenas defensores de nosso povo. Por isso é preciso diferenciar quem defende nosso povo e quem se aproveita dele. Antes víamos a exploração do trabalho indígena, hoje vemos a exploração do conhecimento do povo indígena.

Por tudo isso, é preciso ter cuidado com este saber. Que todos que venham a ler este trabalho leiam com este cuidado.

2. PARTIR DA VIDA PARA ENTENDER O QUE SE BUSCA

O meu nome é Dorvalino Refej Cardoso, pertenço ao povo coroadado Guarani e Xoklen. Mas hoje eu sigo a cultura Kanhgág coroadado, sigo a cultura de meu pai, Jango Cardoso, que morreu há muito tempo, faz 20 anos. Tenho lembranças que vem com o dia das mães, dia dos pais. Hoje faltam os valores que eles me passaram, como o respeito, a honestidade, trilhar um bom caminho, semear boas sementes. Minha mãe Benta Cardoso, me passava como ia ser a vida de casado, como ia ser outro corpo de mulher, trabalhar para sustentar a mulher e os filhos e o amor na família. Ela morreu antes de meu pai, já faz uns trinta anos.

Vivia em Votouro até a idade de 7 anos, na casa de palha, não usávamos roupas, sempre de pé no chão. Brincava com os brinquedos culturais, feitos a mão. Nesta época trabalhei muito anos na lavoura, tinha o tamanho da máquina saracúá¹ quando comecei a plantar. Roçava, capinava, estava com meus pais e não falava português, somente Kanhgág. Depois começamos a brincar com filhos dos colonos e começamos a falar o português. Tinha uma escola provisória, quando levaram as escolas para as aldeias funcionavam nos galpões, quem dava aula eram as mulheres dos chefes do SPI. Tinha uns 7 anos quando comecei a freqüentar o galpão. Mas não freqüentava direto, tinha o serviço escravo. Havia os panelões, todos comiam juntos e depois trabalhavam em troca deste alimento. Meus pais escapavam deste trabalho.

Havia muitas famílias indígenas acampadas. Com a reforma agrária meus pais perderam a terra (pois eram naturais de Ventarra), foram para Votouro e lá não eram bem aceitos. Por isso nasci fora da aldeia. Esta história me marca, porque as crianças que podiam trabalhar iam, não eram importantes para os indígenas a escola. Só quem estudava eram os filhos das lideranças. Nesta época já existia os caciques, mas muitos antes, os coronéis, ai meia dúzia de índios faziam barbáries com os homens e com as mulheres. Eram aliadas dos brancos, o índio era o coronel junto com a gente do SPI, comandavam o trabalho e recebia privilégios por isto, o lucro era dividido entre os agentes do SPI, lideranças indígenas e governo. Era o desenvolvimento da agricultura e todas as terras tinham que

¹ Plantadeira manual.

passar a produzir. Nesta época os brancos arrendavam a terra. Hoje as lideranças brancas falam que os índios arrendam terra, mas quem começou foram os brancos.

Quando era criança vivia mais com os velhos, dava muito atenção para as falas dos mais velhos, para as lideranças. Foi assim que adquiri confiança e com 12 já era também uma liderança. Tinha um cacique que nesta época me apoiava muito (que também era natural de Ventarra) Batista de Paula. Com 14 anos eu estava junto na reunião com Collares (governador, 1978), partido do Brizola, para demarcar Ventarra. Os índios diziam que seu partido havia roubado as terras e Collares dizia que iria arrumar o que os outros fizeram. E conseguimos demarcar. Fui um dos pioneiros da demarcação das terras no Rio Grande do Sul.

Em 1982 estava em Viamão, na escola agrícola, fui fazer um curso agrícola, no mesmo ano noivei. Não tinha cultura do casamento nesta época, casei dentro da cultura branca. Havia mais 20 índios juntos fazendo este curso e nesta época ia jogar, tinha sonho de ser jogador. Só não fui porque era tutelado e não podia decidir por mim. Desisti deste sonho.

Com 16 anos comandeí 60 homens (1988)² para demarcar Irai. Quem filmou foi Rogério Rosa que estava lá. Rogério fazia sua pesquisa, fizemos muitas pesquisas juntos. Lembro-me uma vez que fomos para Santa Catarina, enchemos o tanque e a gasolina escapou, o carro parou, estava seu Garcia junto. Ali eu descobri muito a força dos índios e enxerguei a prática da cultura.

Eu sempre fiz pesquisa, porque queria aprender, depois da demarcação descobri coisas boas de meu povo e me dediquei a pesquisar com os mais velhos. E quando Rogério Rosa começou a pesquisar prestei atenção e aprendi muito. Lembro da pesquisa, do roteiro que ele fazia, daí não sinto tanta dificuldade de fazer pesquisa hoje.

Tem coisas que faço que são diferentes, gosto mais da prática. Se começo a dar nome, ver dados, não faço nada. Gosto da oralidade, porque já sei o rumo, o que eu quero pesquisar, mostrar. Não estou pesquisando para mim e sim para outras pessoas, para verem que existe aquilo. Quero fazer um trabalho de pesquisa para meu povo. Se vou fazer coisas de índio, falar coisas de índio para meu povo eles ficam de boca aberta.

O que me abriu os olhos e o caminho foi o trabalho de demarcação. Começamos utilizar a inteligência das parteiras, do pajé. Daí comecei a praticar e nesta época já fui

² Não tenho certeza exata se foi neste ano, mas aproximadamente.

contratado para dar aula em 1992 (em Votouro), e este foi um motivo para me empenhar mais. Ao mesmo tempo fui fazendo o magistério bilíngüe, paralelo, em Bom Progresso, perto de Três Passos. Eu já tinha um dom, o interesse eram coisas que já fazia e a partir desta oportunidade pude me qualificar e colocar em prática este conhecimento. Comecei a montar os grupos de dança, fiz uma apresentação no município. Era por região a participação das etnias e ficamos em 2ª colocado na região do Alto Uruguai. Novamente mais um motivo para me dedicar mais. Desde 1992 nunca parei de dar aula – até me esqueci de me aposentar!

Não tinha ainda 17 anos quando fui presidente do Conselho, e logo depois concorri para ser cacique, perdi por um voto. Era criança e já dava conselho para pessoas com 40, 50 anos.

Antes de ser professor viajei muito, fui conselheiro do CEPI, delegado, fiscal de conta do município, e prestei serviço para FUNASA para transportar doentes. Recebi convite para concorrer a vice-prefeito em 1999, mas resolvi não aceitar. O mundo da política tem muito gasto, já era professor, minha mulher era agente de saúde. Ser político significa se ausentar do serviço e ter muito gasto. O que concorreu como prefeito ganhou, era muito meu amigo.

Em 2002, saí de Votouro por briga de poder. Concorri a cacique e a proposta era de quem perdesse deveria sair. Entrou lideranças novas e não me acertei, pois se afastam muito da cultura e tem as ideias dos brancos, além de não serem honestos com sua comunidade.

Vou para a cidade de Nonoai e morei lá 2 anos. Voltei para Candoia, mudei o processo de demarcação que se desvinculou de Votouro e aí pude voltar. Logo havia ameaças das lideranças porque alguns não aceitaram. Fomos acampar em Faxinal Grande, 20 km de Candoia, no mesmo território da escola; ficamos uns 20 dias. Também havia ameaça, fomos para Serrinha. Lá as lideranças queriam que eu os apoiasse, porque havia uma ameaça de tirar o cacique. Como tinha muitos problemas resolvi abandonar tudo, deixar os problemas para trás. Vim morar em Estrela e ali dar aula, na época da falecida Maria Soares, em 2004. Fiquei um ano, para fechar o ano letivo.

Em 2005, viemos para São Leopoldo.

Tentei semear tudo que aprendi na cabeça das crianças, muitos estão seguindo, mas muitos não se convenceram. Trabalho muito a importância de ser índio.

Fui buscar qualificação, algumas lideranças pediam que ficasse no campo da educação outras que fizesse Direito. Como atuava como professor, pensei em fazer uma formação adequada para aquilo que estava fazendo.

Gosto de dar aula, mas a realidade é outra, as crianças se modificaram, não respeitam mais. Tento falar para alguém me substituir enquanto professor, não há ninguém que queira estudar. Não vi desde que estou aqui, ninguém continuar os estudos, chegar ao 3º grau. Tem influência muito dos brancos, e a maioria vive do artesanato.

Ainda não descobriram o valor da cultura, o valor de ser índio e no momento que se descobre isto acaba se dedicando ao fazer indígena. Um pouco desta prática a escola trabalha se o professor se dedica aos saberes indígenas. Por enquanto não se tem uma proposta pedagógica da escola indígena, hoje cada um faz do jeito que quer, não fazemos reuniões pedagógicas.

Fiz Pedagogia, não era o curso que queria, mas acabei gostando (pelo horário que me favoreceu). O curso favorece muito para a qualificação e construção da proposta pedagógica Kanhgág. Contudo o curso não percebe que existe outras línguas, etnias, alguns professores não percebem isto. Gostei de algumas coisas como Psicologia (pelo olhar sobre as crianças), de algumas disciplinas e dos trabalhos que tinham, e que podiam ser feitos da memória dos alunos; nem todas disciplinas valorizavam falar a partir do conhecimento de meu povo. Custei para me adaptar na universidade por este motivo, eu não quero apresentar a ideia de outros, queria apresentar a minha. Tinha a sensação que era um copista da ideia dos outros, montava os trabalhos a partir de outros. Fui encontrando colegas mulheres (foi difícil porque não havia homens). Tive muita vontade de desistir. No 4º semestre me matriculei em 6 disciplinas e terminei o semestre com uma disciplina já a com a intenção de desistir. Por que não desisti? Não estava bem na questão financeira, com a faculdade me endividei muito, no início não havia bolsa permanência. Neste momento tive vários apoios, como de Maria da Funai, a confiança de alguns professores que me fortaleceu que foram o Jaime, Aline, Cida, Magali; o grupo de trabalho, que era constituído pela Carla, Fernanda e, em especial, Ana que até hoje está comigo, fizemos trabalhos junto. Assim resolvi continuar. Os gastos com estacionamento, xerox, água, frutas, tinha vezes que gastava 70 reais por dia. Quando estava com os colegas eles me pagavam, como também ajudava quem não tinha. No início queria ficar isolado, pois saía de minha comunidade, com um modo de pensar, de

falar, uma sabedoria. E quando chegava na universidade tudo isto não era considerado. Não ficava tranquilo com esta condição. Comecei em 2008 e terminei em 2014. Quando terminei estava muito doente. Fui o primeiro indígena a se formar no curso de Pedagogia, 33 alunos se formaram na época e só eu de indígena. Fizemos uma festa na comunidade, com todos parentes de Votouro.

Fiz PEC em 2015 e depois a seleção do Mestrado.

Busquei a Pós-Graduação para que tenha valor que se fala e escreve. O que eu escrevo passa a ter valor para a comunidade não indígena na medida em que se tem um diploma. Estou muito grato com a Universidade por tudo que aprendi, pelas pessoas que conheci, pelos funcionários e professores.

Quero escrever para minha comunidade, preciso ter o registro, para quem tem interesse de se qualificar, já tenha este registro, e para que a filosofia Kanhgág não se perca. O que já estou escrevendo, é tanto para os meus parentes, meus amigos indígenas como para os não indígenas. Com meu povo eu tenho uma obrigação. Eles irão ler meu trabalho, mas o que vão mais usar isto serão os professores. Este conhecimento deve chegar até eles, para que possam trabalhar nas escolas, pois falta material sobre este conhecimento.

Tudo que vou escrever será para uma humanização, para que todas as coisas ruins eu possa indicar proteções, prevenções. A filosofia Kanhgág vem para orientar e abrir caminhos aos professores indígenas.

3. A FILOSOFIA KANHGÁG

3.1 O mito da formação de Kamẽ e Kanhru

3.1.1. A primeira versão

O kujá Vicente Fokanh de Chapecozinho, Santa Catarina, me contou o que aconteceu para que pudessem nascer as metades tribais Kamẽ e Kanhru.

Existiam dois sóis, que eram o sol e a lua. Eram dois astros muito poderosos, que prejudicavam o mundo, ou seja, o planeta, pois os dois juntos faziam muito calor.

Certa vez os dois se desentenderam e brigaram. Na briga, o sol deu um soco nos olhos da lua. A lua disse ao sol: - Como é que vou trabalhar agora? O sol disse: - Você ilumina o mundo de noite e eu ilumino o dia.

Por este motivo, o sol, com sua luz muito quente, seca os rios e as plantas. E a lua derrama lágrimas por estar com o olho machucado, molhando assim as plantas. As gotas de sua lágrima quando caem vão recuperando os rios onde estes secaram.

Um vai complementando o outro. Assim todas as coisas no mundo tem seu complemento, seu lado par ou ímpar.

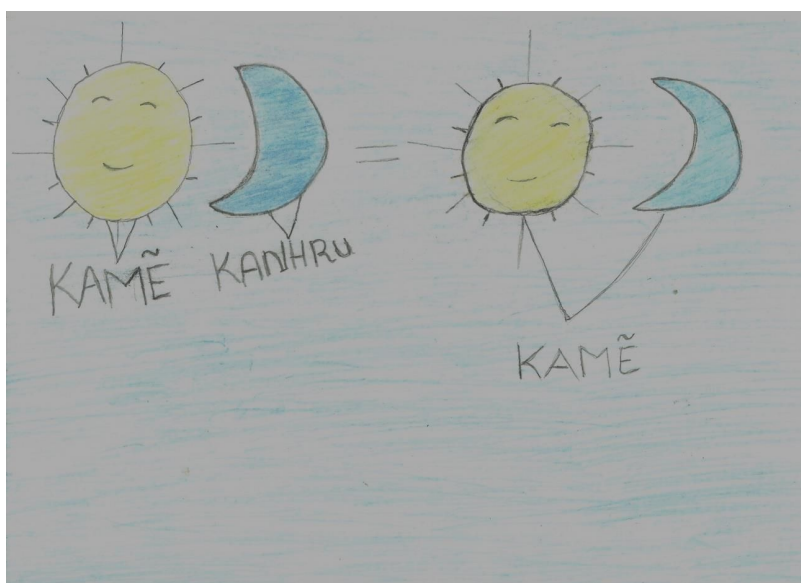


Figura 1

3.2.2. A segunda versão

Luisa, chamada popularmente como Marculina, de Votouro, fala que os santos São João e Maria vivam classificando as coisas pelo mundo. E viveram parte de suas vidas com os povos kanhgág. Viviam visitando também as igrejas.

Para os kanhgág os santos disseram que estavam classificando as coisas pelo mundo, por este motivo tinham que fazer duas marcas para os Kanhgág. Foi assim que surgiram as marcas kamẽ e kanhru, que são símbolos de metades tribais.

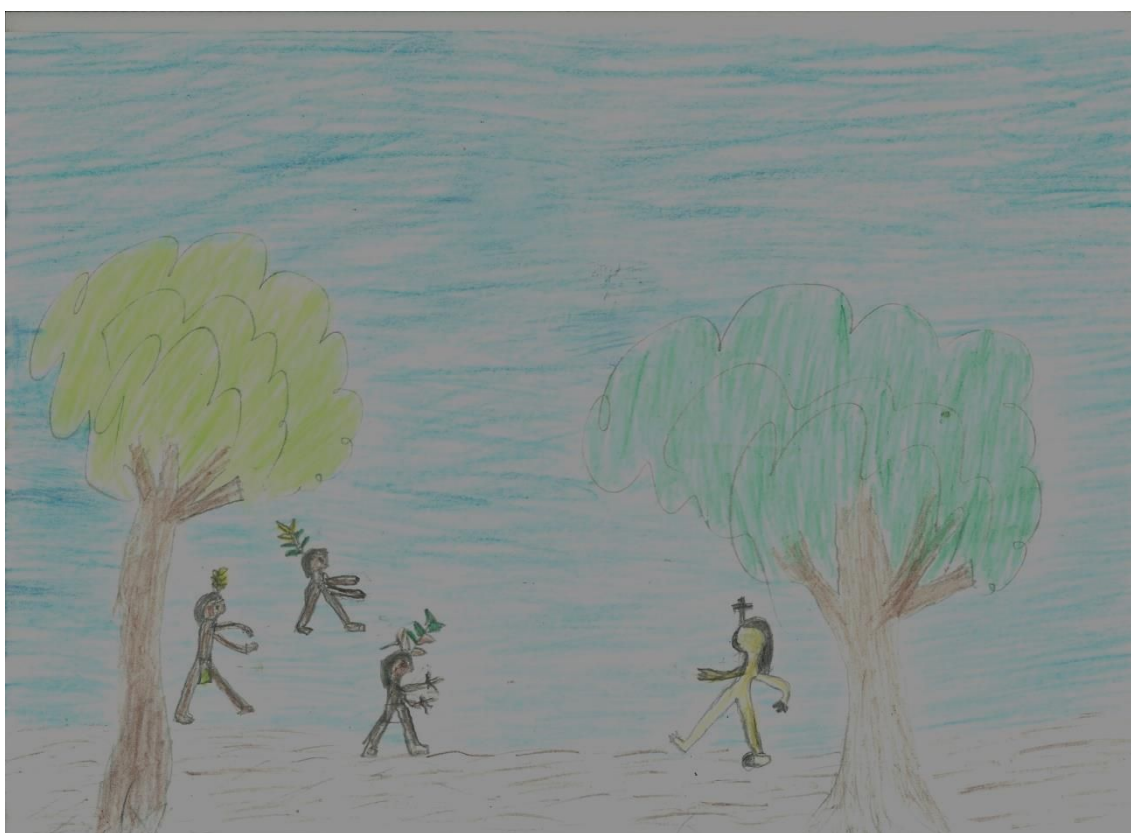


Figura 2

3.2.3. A terceira versão

Houve um tempo em que os rios estavam secando, os animais morrendo, o mato e as pessoas adoecendo. As árvores não davam mais frutas e não existia lugar em toda a terra onde se pudesse ficar. Os dois irmãos sóis, Rã e Kysã, imensos astros que irradiavam calor, presenciavam tudo. Na verdade, eles eram os responsáveis pelo que estava acontecendo. Até que um dia, tiveram uma discussão.

- Essas desgraças, isso tudo é sua culpa! – disse Rã.

- Não, é tudo sua culpa, foi você quem... – dizia Kysã, quando levou uma pancada no seu olho.

Ferido Kysã enfraqueceu e tornou-se lua, originando-se, desse modo, a noite iluminada pela lua. Rã, o mais forte dos irmãos, a partir daquele dia, tornou-se o único a iluminar o dia, dando-nos luminosidade e calor suficientes para a vida. À noite, desde então, temos a lua (kysã), que nos dá a escuridão necessária para o repouso, e, durante o dia, o sol (Rã), que ilumina nossos dias e florestas.

Até hoje, assim que o sol se põe, a lua nasce. Desse modo, os dois nunca se encontram para não brigarem novamente.



Figura 3

3.2. Sistemas das metades: Kamẽ e Kanhru

A sociedade Kanhgág também está dividida em duas metades: uma Kamẽ e a outra Kanhru.

Esse sistema surgiu na criação do mundo. Kamẽ e kanhru no princípio eram espíritos. Eles apareceram para povoar a terra. Primeiro fizeram os animais, as plantas e os astros. Cada qual fez os seus. Kamẽ fez os seres compridos e riscados (Re téj) e os kanhru fez os redondos e malhados (Re ror). Só depois que criaram todos os seres da natureza, resolveram casar os filhos. Então decidiram que Kamẽ não podia casar com Kamẽ, porque era irmão. De modo que Kamẽ só podia se casar com Kanhru, que era a sua outra metade. O mesmo vale para Kanhru. Podia casar os filhos somente com os que tinham marca diferente da sua. Por isso, ficou decidido: Quem tem marca diferente é jambré (cunhado) e pode casar entre si. E quem tem marcas iguais é kênkê (irmão). Na natureza também tudo se entende assim.

E, por fim, acrescentaram ainda outra regra: que os filhos sempre vão pertencer à metade do pai. Isto vale para todos, tanto para Kamẽ como para Kanhru. Desde pequenos aprendemos dos pais e avós sobre marcas. Primeiro pelas histórias. Depois pelo andar com eles no mato. Eles contam e as crianças observam. Tudo se aprende. Cada qual sabendo sua marca fica mais fácil compreender o mundo. E ninguém se perde mais porque o nosso mundo é assim.

Função do *Kamẽ e Kanhru*, o sol vem para secar tudo e a lua vem a noite com suas lágrimas e desse modo recupera as plantas que estão secando, ensinamento que os mais velhos nos passam.

A organização social do povo Kanhgág Coroado é feita através das metades tribais, composta por um dualismo, ou seja, duas linhas clâmicas, denominadas Kamẽ e Kanhru. Toda a filosofia ou assunto em relação ao povo sempre está ligado a estas linhagens.

Questões como leis, casamento, morte, culinária, remédios, cantos, danças, disciplina, artesanato partem da linhagem clâmica Kamẽ e Kanhru. Existem leis internas sem direito a defesa, quem comete um ato errado é condenado, por este motivo, dependendo da infração, fica-se alguns dias na cadeia.

Na paga da pena, pela infração cometida, são contados somente os dias, não as noites. Antigamente ficava-se amarrado numa madeira ou vara plantada no chão, amarrando bem

apertado na canela do infrator. Para orientar ou disciplinar a liderança tem que ser da mesma metade do disciplinado, Kamê com Kamê e vice-versa.

Os casamentos eram feitos com lideranças pertencentes as duas metades tribais, isso era feito pelo pajé (Kujá) e pelo pênh (líder) que orientava ou disciplinava o noivo ou a noiva.

A orientação ocorre desta forma: Líder Kamê orienta noivo ou noiva Kamê, líder Kanhru orienta noivo ou noiva Kanhru. Na próxima etapa, o pajé (kujá) fazia a pintura da sua futura cunhada (jamré). O kujá Kamê fazia a pintura Kanhru. Kujá Kanhru fazia a pintura Kamê.

Esse simbolismo todo era uma afirmação do casamento. Após todo este ritual, não existe mais separação. Dentro dessa visão, os pais e familiares também estão comprometidos para não ocorrer separação.

Se por algum motivo ocorrer a separação, os familiares também são responsabilizados pelo acontecido.

O serviço fúnebre sempre fica a cargo dos pênh.



Figura 4

3.3. Casamento cultural Kanhgág no passado

Para poder realizar esta escrita, tive que recordar fatos passados e consultar os nossos velhos sábios, considerados nossas bibliotecas vivas, revivendo fatos que ainda estão presentes em algumas aldeias na via atual, mas infelizmente não na sua maioria. Este tipo de enlace que acontecia antigamente era de extrema relevância para manter os costumes, tradições e o mais importante, a união entre as pessoas que ocupavam o mesmo espaço.

Destaco que o passado é sempre revisitado, revivido para com ele nos dispormos a uma nova caminhada, pois segundo já mencionado por Ferreira (2014), existem:

[...] momentos em que os seres humanos perdem a consciência daquilo que os mantém unidos, daquilo que lhes garante confiar em seus valores. Quando isso acontece aos povos indígenas, a construção de novos conhecimentos é buscada no passado, permitindo assim a reconstrução de novos valores que vão dar sentido, novamente a existência do povo. (FERREIRA, 2014, p.15).

No passado, para a realização de um casamento, os pais conversavam e tratavam deste assunto, quando as crianças ainda eram pequenas, com idade entre 06 a 09 anos aproximadamente. Quando atingiam a idade entre 14 a 16 anos, o mesmo era oficializado, com a realização da cerimônia.

Até chegar o tempo de se casarem, o menino ia viver na casa da noiva, junto aos futuros sogro e sogra, para ser preparado, para desempenhar a sua função de marido com perfeição. Esse fato nos leva afirmar que dentro da cultura indígena "um dos primeiros lugares a aprender é na casa, junto com a mãe e os avós." (FERREIRA, 2014, p.69).

A tarefa do futuro sogro junto ao noivo, dentro da visão indígena Kanhgág era:

- ensinar a arte da pesca;
- ensinar como era ser um bom pescador;
- desenvolver habilidades junto à natureza, como a subida em arvores de onde muitas vezes teria que retirar o sustento da futura família;
- fazer com que o futuro marido reconhecesse a importância do trabalho, para através dele prover os meios para manter a família.

As funções da sogra junto ao noivo eram essas:

- Fazer com que o futuro marido percebesse as diferenças entre um homem e uma mulher, já que a mesma é mais romântica e precisa receber muito carinho e atenção;
- ensinar ao futuro esposo o compromisso de gerar filhos e criar os mesmos dentro dos valores culturais a que pertence.

O genro recebia todas estas instruções, pois ia continuar criando a filha do futuro sogra e sogra.

A menina também ia viver com os futuros sogro e sogra, para receber os ensinamentos para a sua nova função. Mas, neste caso, somente a sogra dava instruções para a possível nora, sobre as obrigações do lar e o cuidado com o marido e os filhos que viriam dessa união. O objetivo de viver com as famílias opostas era para conquistar as mesmas e seus integrantes: sogros, cunhados, avós...

Sendo assim, dentro dessa visão, a educação não cabe somente a família originária, pois “a educação indígena está pautada na socialização, onde todo o momento é tempo de aprender, respaldado nas atividades desenvolvidas pelas pessoas em seus diversos espaços de convivência.” (FERREIRA, 2014, p.76).

Durante este período, que os futuros noivos ficavam vivendo em famílias opostas e eram preparados para a nova vida que estava se formando. Os pais eram responsáveis pelo menino e a menina que lhe eram confiados, para que os mesmos tivessem um casamento seguro.

Quando o tempo do casamento chegava, a nova família se formava e então os dois iam finalmente viver juntos. Não acontecia nenhum tipo de estranhamento entre ambos, pois a família já estava acostumada com a presença dos dois novos integrantes.

Destaco ainda, que dentro desse modo de pensar indígena “[...] é na família que aprendemos a respeitar e conviver com o diferente, pois compreendemos o quanto dependemos do outro e descobrimos o quanto somos incapazes de conhecer se não sabemos entender o silêncio dos mais velhos.” (FERREIRA, 2014, p.69).

Lembrando ainda que segundo este costume, a qualquer problema que viesse acontecer na nova família formada, os pais também deveriam pagar pelos atos acontecidos. No caso de um dos dois noivos quebrarem o juramento entre si, até as famílias seriam cobradas, por terem educado de maneira errônea, criando um indivíduo infiel.

3.3.1. Diferentes formas de casamento dentro da cultura Kanhgág

a) Casamento encomendado antes do nascimento

Para ocorrer este tipo de casamento dentro da cultura Kanhgág, nasce primeiramente uma criança, logo em seguida deve nascer o segundo, antes de dois anos. O intervalo de tempo entre os nascimentos deve ser no máximo de dois anos.

Ao nascer uma criança, os pais ficam atentos esperando o próximo nascimento. Quando nasce o outro bebê, se for de sexo diferente, os pais do primeiro já vão tratar do casamento.

Devem ir à casa do recém-nascido a noite com um tição para cima, esse é o sinal de que estão indo tratar do casamento do recém-nascido, se for de sexo oposto ao primeiro bebê que nasceu. Os pais que estão em casa já sabem pelo sinal do tição o que a outra família está fazendo.

O casamento fica marcado após o mais novo dos bebês completar 13 anos. Como os kanhgág vivem um sistema de dualismo tem que ser kamẽ com kanhru. No dia do casamento tem a festa do KIKIKONH, com bastante comida, fazem um fogo grande para colocarem taquara em feixe no fogo e estourar igual foguete. Existe neste dia também aconselhamento das futuras famílias.

b) Casamento onde o noivo pede a mão da noiva

Outro tipo de casamento é quando o rapaz vai pedir a mão da moça em casamento, mas isso só acontece depois dele ter conhecimento da família, amizade com (JAMRÉ) cunhado, (KAKRÊ) sogro, (MÁ) sogra.

Após o casamento tratado o rapaz noivo vai conviver com a família da noiva para ajudar nas atividades da casa. Trabalhando com os cunhados e sogros surge uma amizade tão profunda de coração para coração.

Passam muito tempo juntos (cunhados, sogro e sogra com o futuro marido da filha) fazendo brincadeiras, contando piadas, muitas vezes, dormem juntos na mesma cama. Brincadeiras para a exploração do corpo são permitidas e aceitas com naturalidade tais como: brincar de baixar a calça do outro, passar a mão na bunda, nos órgãos genitais são encaradas com espontaneidade e sem maiores constrangimentos. Somente após o casamento que o noivo vai deitar com a esposa.

No dia do casamento as lideranças indígenas tem o costume de orientar o futuro casal, como viver como Kamê e Kanhru. As lideranças kamê orientam o noivo ou noiva que é kamê, e as lideranças Kanhru orientam o noivo ou noiva kanhru e assim sucessivamente.

Quando nasce o filho a linha clâmica a ser adotada é sempre a do pai.

c) Casamento de moça com homem mais velho

Existe o casamento da moça com um homem mais velho do que ela, mas também de rapaz com a moça mais velha. O objetivo desse casamento é para o homem mais velho cuidar melhor a moça, que na grande maioria das vezes ficou desamparada dos pais.

Sendo assim, este tipo de casamento é uma decisão da própria moça ou moço, que decide por alguém mais velho, que vai cuidar, proteger e estabelecer uma relação de afeto, companheirismo independente de gerar filhos ou não. O cuidado e a proteção são as maiores marcas nesse tipo de relacionamento estabelecido.

d) Casamento de índio com não índia

Acontecem também casamentos de índios com não índias e vice-versa. Isso muitas vezes prejudica a etnia. Nos critérios indígenas não pode acontecer este tipo de casamento, mas infelizmente sempre aconteceu.

Alguns problemas que ocorrem devido a este tipo de enlace são: problemas de terras (algumas aldeias não aceitam esta noiva ou noivo “branco” e estes indígenas precisam ir morar fora da comunidade).

Quando este problema ocorre, geralmente o novo casal tem que ir embora da comunidade, morar na cidade e passa então a viver fora dos costumes das etnias. Por este

motivo, este tipo de casamento é proibido e não é aconselhado, pois as lideranças prezam pela preservação da vida em comunidade e os costumes que são passados de geração a geração.

e) Obrigações do novo casal formado

Nas orientações dos noivos, as lideranças indígenas falam que a mulher é para cuidar a casa e dos filhos, compartilhar os alimentos. Quando o marido sai com os cunhados não deve jamais ficar desconfiada, porque os homens vão atrás de negócios para comprar comida ou saem para caçar.

Para os homens é dito que não é para deixar a mulher passar fome, é para cuidar dela e tratar bem a sogra e os cunhados.

Se homem viver assim para sempre com sua esposa, será considerado um homem, vai ter vida autônoma e voz ativa dentro do povo Kanhgág, tudo isso faz parte da vivência dentro da comunidade.

Mas hoje mudou muito estas tradições, pois os casamentos acontecem na igreja com o padre, pastor de véu e grinalda, terno e gravata.

3.4. Viúva



Figura 5

Para escrever sobre esta temática, consultei as memórias de Nípre Lurdes, que fez a narrativa desses costumes que agora são por mim registrados.

Começou a explicar, contando a história de Juvino da Silva, que era casado com Maria Josefa Fagfi. Ela nascida em Serrinha e ele em Alegrete. A mãe de Juvino Martina, era natural de Ventarra, na época chegou um negro na aldeia, funcionário de estado que cuidava das terras indígenas. Ele casou com Martina, que mais tarde veio a ser mãe de Juvino e foi embora

para Alegrete. Lá em Alegrete, desta união, nasceu Juvino. O negro era o comandante do quartel. O filho já criado, já na idade própria também serviu o quartel. Tornou-se uma grande liderança dos brancos, foi capitão da guerra de 1923, na Guerra dos Farrapos, exerceu cargo de confiança junto ao presidente Getúlio Vargas.

Juvino ficou com o compromisso de cuidar das terras indígenas, chegando então a Votouro para ficar uns dias. Nesse meio tempo acabou gostando de Maria Josefa Fagfi, que havia sido trazida pelo pai de Serrinha, para aquelas terras indígenas. Passou um tempo, mas um tempo bem curto, porque os índios se casam rápido, e as lideranças junto com as famílias se reuniram para oficializar o casamento dos dois: Juvino da Silva e Maria Josefa Fagfi.

Logo após o casamento, estava querendo acontecer uma guerra em São Paulo. Foi chamado então o guerreiro Juvino. Ele quando convocado, prontamente compareceu. Mas era somente uma ameaça de guerra, houve um combate pequeno, mas o mesmo já serviu para quebrar a perna de Juvino, com um tiro de pistola.

Retornou para suas terras, em Votouro, foi aposentado, porém perseguido pelos inimigos. Um dia, ficou muito bêbado e deitou-se na barranca do rio para dormir. Nesse momento, chegaram dois brancos com graxa em líquido, abriram a sua boca e jogaram tudo para dentro.

Dona Nípre Lurde estava presente neste ato de injustiça. Passou um tempo e chegaram os inspetores de Erechim com seus jipes para socorrer Juvino, o grande guerreiro e líder público. Juntaram o corpo do chão colocando no jipe, levando-o para a cidade de Erechim, mas infelizmente já chegou lá sem vida. Fizeram tudo o que tinha que ser feito, trouxeram o corpo para Votouro para ser velado e sepultado.

3.4.1. O ritual da viúva

Nos critérios da cultura Kanhgág, Maria Josefa Fagfi, tinha que estar deitada embaixo do caixão do falecido Juvino, seu esposo, coberta com um pano preto cor de luto. A partir do momento da morte de seu esposo, os olhos da viúva passam a ser veneno, podendo causar a morte de qualquer pessoa. Para cortar esse perigo, durante o serviço fúnebre, todas as vezes que a viúva lançar o olhar para alguém, é jogado cachaça em seus olhos. Esse ritual serve também para os homens que perdem as suas esposas.

Na hora de levar o caixão e o corpo do morto, a mulher do falecido, a viúva, segue em frente ao caixão até o cemitério. Quando chegam lá, o falecido segue, enquanto a viúva vai para a mata, onde ela ficará debaixo de um tronco de árvore por uma lua, que é o período de 30 dias.

Para chegar a este lugar, ela é acompanhada por uma cunhada, que tem o dever e o compromisso com ela durante esse ciclo de lua. Para dar banho de purificação, providenciar a alimentação e água. É cultural a viúva passar por todos estes processos.

A viúva fica este tempo afastada para não pôr em perigo as outras pessoas da comunidade. As demais pessoas da comunidade também tomam banho, bebem e queimam ervas para a purificação do ar e do ambiente da aldeia.

Isso tudo acontece para que o veneno da viúva, o espírito de morte não prejudique as pessoas da comunidade. A viúva tem que tomar banho de ervas todos os dias, e sua alimentação também deve ser uma vez ao dia, providenciada por sua cunhada responsável.

Passando-se uma lua, 30 dias, a viúva é trazida pela cunhada. Ela deve abraçar então uma madeira que ela gostava muito, vindo da mata. A viúva Maria Fagfi abraçou um pinheiro, dizendo para o mesmo: “eu te gosto muito”. A partir deste momento, as folhas do pinheiro desabrocharam. Passam alguns dias, as folhas começam a amarelar e os galhos dobram-se para cima. O ritual está completo.

A madeira fica no solo durante um ano só, depois cai tudo esfarelado. Nenhum homem deve ter relações sexuais com uma viúva antes dela ter passado por todas as exigências descritas, senão com certeza irá acontecer com ele o que aconteceu com a árvore.

Quando morre alguém na comunidade indígena, as festividades e programações são canceladas. Haverá luto por um ano, somente após um ano que poderá acontecer as festas.

Nípre Lurdes presenciou a morte de Aristides em Iraí, onde ele estava com os ossos tudo em pedacinhos, por problemas de ter tido relações sexuais com uma viúva que não passou por um processo de purificação. Afirma ela, que a mulher do falecido não havia tomado os banhos de ervas, envolveu-se com ela e acabou envenenado.

3.5. Morte: morrer não é acabar

Nós nascemos e morremos. Quando morre alguém do povo Kanhgág o corpo do morto é cuidado pelos Pënh. São eles que o levam, colocam roupa e ajeitam para o tempo do velório. Faz também a cova, caixão de madeira e taquara ou de barro. Estarão presentes os rezadores e cantores, bebidas típicas e alimento. Os pënh tem que ser cunhados do morto. Na hora que a viúva está desesperada, a cunhada é que a acalma. O cunhado do morto é que pede a tranquilidade do mesmo, porque são eles que irão cuidar dos filhos que ficarão. Na comunidade todos são filhos de todos. Falam também para a viúva ficar tranquila, pois ela será ajudada. Os pënh e o pajé falam com o corpo do morto para ir para a sua morada sem pensar nos filhos, nos pais, cunhados e outros parentes, porque a morte chegou. Após o sepultamento, a viúva, os filhos, cunhados e parentes próximos terão que cortar os cabelos, tomar banho de ervas para o espírito do morto não se apropriar do espírito dos vivos e levar junto. Se isto acontecer o Kujá briga muito para resgatar o espírito que está no mundo dos mortos, que fica no poente do sol. Mas mesmo assim, muitas vezes precisa roubar o espírito dos vivos, neste caso a pessoa adoece e o kujá para protegê-lo esconde seu espírito em um lugar sagrado, chamado Fágkavá. Quando morre o espírito do morto deve cruzar uma pinguela estreita com uma largura de 30 cm e muito comprida. Ela balança muito e o morto tem que se equilibrar. Embaixo dela existe um lugar fundo, escuro, com muitas pessoas com rancor, precisando de socorro, mas não tendo mais volta. O morto, se conseguir cruzar a pinguela - e isso irá acontecer se não tiver muitos pecados - poderá ir ao mundo dos mortos para ainda pagar pelos pecados que cometeu. É nesse momento que ele pode voltar, pois já conhece o caminho e assim poderá se apropriar do espírito de alguém vivo. Mas o morto também poderá ir direto morar na cidade santa junto de deus se não tiver pecado algum.

Morrer não é acabar. Tenho presenciado pastores, padres e o falecido meu pai que falava "morrer é renascer". Tenho uma interpretação particular, que nós somos compostos de três substâncias: terra, água e atmosfera. Quando nós tombamos voltamos novamente para estas substâncias, nascemos outras vidas. Muitos falam que quando se morre, descansa. Não descansamos, a vida continua! Se plantarmos espinhos vamos colher espinhos; se plantarmos

boas sementes vamos colher boas sementes. Muitos falam "eu quero morrer", mas quando está na ânsia da morte, não quer mais, tem medo de cruzar a pinguela do desequilíbrio.

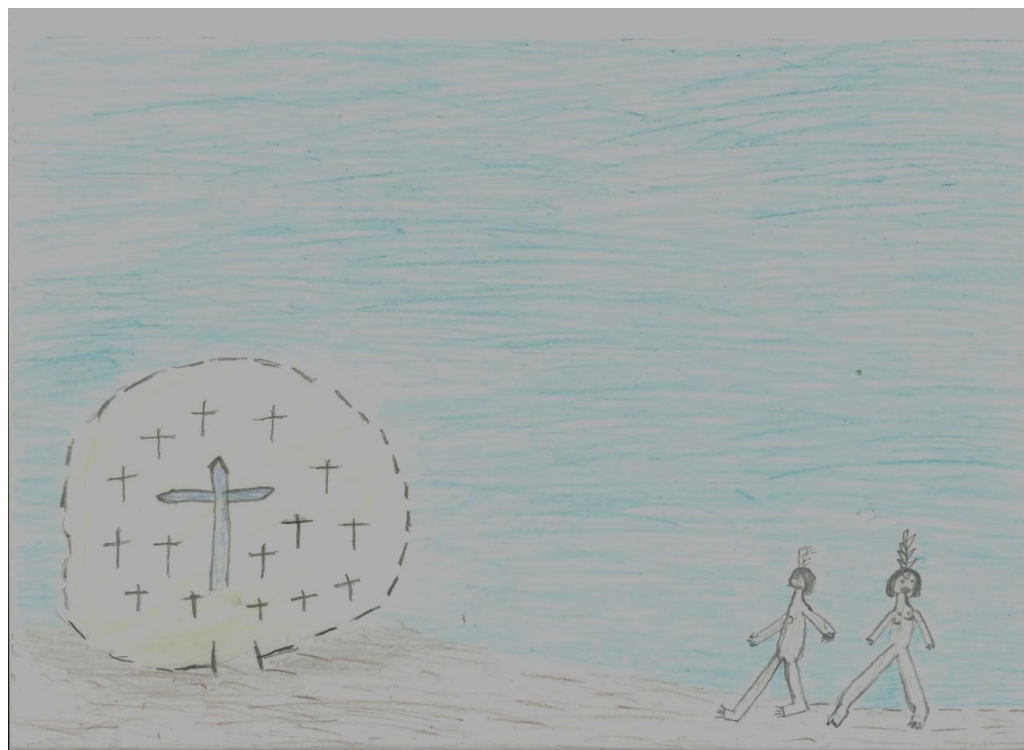


Figura 6

3.6. O ciclo da vida

Dentro da visão indígena Kanhgág, o ciclo da vida começa sempre regido por um sentimento maior que aproxima todos os seres - o amor.

Este sentimento se faz presente desde o momento da concepção das novas espécies a serem formadas, no encontro dos corpos, nas trocas de olhares... O que predomina é o sentimento maior de proteção e cuidado que emana deste sentimento maior que é o amor.

Deste sentimento chamado amor, que se faz presente desde a concepção e deve acompanhar todos até a morte, é regida a nossa vida neste planeta. Alguns sentem este sentimento na concepção e depois com o passar do tempo, devido a rudeza que encontram

fora do mundo uterino que os envolveu, acabam perdendo, gradualmente, este sentimento que os envolveu.

Isso faz com que os seres fiquem rudes, áridos, egoístas e esqueçam este sentimento bom que os trouxe a vida. Lembrando que antes de tudo, fomos criados com o que chamamos, de forma mais conceitual, livre arbítrio. Palavra difícil esta, dentro do meu idioma, mas que pode ser simplificado de forma bem simples: a decisão de escolha.

Todos os seres criados têm este poder de decisão, apesar do homem ter consciência das mesmas, enquanto que os outros seres criados não possuem o mesmo, agindo, na grande maioria das vezes, por instinto de proteção e sobrevivência.

Este poder de decisão que rege a vida dos seres humanos é o que os levará a decidir entre as escolhas do bem ou do mal. As escolhas que fazemos farão com que este sentimento maior, o amor, continue vivo durante a nossa trajetória aqui ou, irá se desfazendo ao longo do caminho, tornando-nos pessoas com más índoles, de sentimentos negativos, vingativos e maus.

Quando nascemos trazemos também a nossa identidade, que deve ser preservada e cultivada em nós, primeiramente, por nossos pais. É deles, o primeiro dever de nos ensinar os valores que circulam dentro dos espaços onde habitamos. Por este motivo é de extrema importância que os mesmos não cultivem valores que não pertencem a sua etnia, para que a criança que está sendo educada também não perca desta forma a sua identidade cultural.

Lembrando que desde o ventre materno a criança escuta tudo que está ao seu redor. A mãe então deve ter um cuidado redobrado ao que fala e escuta, mandando sempre pensamentos bons ao ser que está sendo gerado em seu frente. Deve também ter cuidado redobrado com o que come, bebe. O pai não deve assustar a mãe, deixando-a neste período de fora dos problemas e desafios que enfrenta no seu labor diário. É o momento da concepção, onde a criança está sendo gestada, precisa ter antes de tudo um ambiente calmo, protegido e repleto do sentimento que o fez vir, que é o amor.

A oralidade, que é o marco maior da cultura indígena, já começa a ser despertada com o diálogo que a mãe faz com o bebê em seu ventre. Além disso, são oferecidos a futura mãe, ervas e remédios que serão necessários para que esta criança se desenvolva perfeitamente e facilite o nascimento da mesma.

A mãe canta para o bebê em seu ventre, conta histórias e narrativas de seu povo, imprimindo, desta forma, a identidade a este pequeno ser em formação. Este fato foi estudado e salientado por outros autores, em que as sociedades indígenas “são de tradição oral [...] e imprimem seus conhecimentos, histórias, valores e certezas mais profundos por meio, especialmente, das várias formas de narração do saber do seu povo.” (CLAUDINO, 2012,p.107).

Para os indígenas Kanhgág a criança é deixada livre, para aprender com os demais que a cercam, aprendendo sempre desde seus limites, na imitação dos mais velhos e na companhia dos pais, tios, avós que se fazem presente sempre nos espaços por onde a criança circula. Conforme comenta Bergamaschi (2012, p.123) é:

[..] o longo período de contato que os filhos estabelecem com as mães que constitui a primeira linguagem, a gênese do sentimento humano. São estas experiências as fontes de nutrição (alimento) e proteção (segurança) que desencadeiam sentimentos de ternura, amizade e amor.

A socialização é que vai tirá-la do estágio que para os indígenas é considerado “puro”. Até este momento ela não tem preconceito nem de si mesma nem do outro que a observa. A criança em sua natureza é “pura”. Fala com sinceridade, não tem espécie alguma de preconceito. Quando começa o contato com o “outro”, que não pertence a seu mundo, a seu território é que as diferenças passam a ser percebidas. Se a identidade não foi “firmada” pelos pais, ela vai querer imitar o outro, desmerecendo seus valores e identidades que lhe são peculiares desde o nascimento.

Aqui começam as decisões, o exercício da palavra difícil em meu idioma, como comentava anteriormente, chamada de livre arbítrio, a capacidade que nos é peculiar, de tomarmos as nossas próprias decisões. Ela irá ser o nosso marco e decidir o nosso rumo, o nosso ciclo de vida que iniciou com um sentimento chamado amor, encontrará outros sentimentos que irão moldar o nosso caráter e passarão a reger nossas tomadas de atitudes, fazendo de nós seres bons ou maus.

Ressaltando que para nós indígenas este é somente mais um ciclo, mais uma passagem, onde a cada etapa aprendemos mais, pois estamos sempre em evolução constante e aprendendo cada vez mais. Quando deixamos de aprender, de absorver vamos embora. Morremos.

3.7. O espírito da natureza: Kujá

Aqui falo de um conhecimento milenar, muito antes da colonização. Um conhecimento que vem da natureza. Eu e o meu povo fomos criados junto da natureza, dos animais, árvores, rios, tudo isto faz parte de nossa cosmologia. Todas estas coisas carregam uma sabedoria, pois são vivas, pois tudo que é vivo tem sabedoria.

É essa leitura que eu fazia, quando vivia junto a floresta. Todos estes conhecimentos eu trouxe para a faculdade. Por exemplo, as raízes desses pensamentos como, por exemplo, as raízes das músicas que vem do som da mata. Contudo, quando cheguei na faculdade percebi que os professores não contam sobre as origens de seus pensamentos. Gosto de contar quando e como nasceram as coisas para mim. Isso me fez confrontar com os professores, com quase todos. Mas eu fiz amizade também com muitos professores, que entenderam a minha sabedoria.

Muitos professores acabaram trabalhando também o meu pensamento, ou seja, me permitiram contar sobre meus valores, falar sobre os rios, os valores dos animais, a valor da água e os valores da humanidade. Isso enriqueceu muito as aulas, quando os saberes foram compartilhados. Percebo que tenho a aprender e que tenho também muito a ensinar.

Em algumas disciplinas tive a oportunidade de falar sobre os meus valores. Infelizmente, a ciência separa o humano, a humanidade da natureza. E alguns professores continuam separando isso, humanidade da natureza. Compreendo que nós somos natureza. No momento que nós matamos a terra, nós estamos nos matando. No momento que a gente polui os rios, que o rio tem veneno, nós estamos envenenando nosso corpo. Nós precisamos dessa natureza.

No momento que a nós não vivermos mais da luz do sol, nós nos prejudicamos, morremos. Por isso, que depois adoecemos. O contato do humano com a luz do sol nos fortalece, nos dá força. O homem precisa desta energia para sobreviver e o sol nasceu para isso. É a natureza que humaniza o homem. Ela tem força. Por isso que os índios adoravam o sol como Deus. Os brancos tem a luz do sol, mas não adoram o mesmo como Deus.

Muitos adoram o sol como um astro muito poderoso. É que eles querem ter o poder desse sol. Nós indígenas, dentro da nossa sabedoria, entramos em contato com o sol. Antigos pajés, além de entrar em contato com este astro poderoso, ainda conversam com ele. Eles acabam tendo a força dessa cosmologia. O brilho das estrelas, a lua, tudo isso, nós indígenas aprendemos a interpretar.

Eu entendo mais ou menos a linguagem desta natureza, mas os mais velhos que eu convivi, sabiam o quê o passarinho está contando. E o passarinho é muito inteligente. Ele sabe as coisas que irão acontecer no futuro, nós não sabemos. A gente se acha inteligente, mas eu acho que perante a natureza nós não somos nada.

A ciência é que está separando esta realidade, porque separa o humano da natureza, pois afinal, nós não somos natureza?

Da mesma forma também se pensa a educação. Na cosmovisão xamânica do Kanhgág, a sociedade é como um todo, em que a educação não se separa, espacial e temporalmente, das demais práticas. A educação não se restringe a Opy (casa de reza) e, nem tampouco, aos conhecimentos escolares.

Duas formas de aprender:

1. Esforço pessoal, desencadeado pela curiosidade, desenvolvida desde pequena.
2. Revelação, para receber a revelação das divindades a pessoa também faz um esforço para viver de acordo com o NHANDE REKO (modos de viver indígenas).

Quanto mais velha for alguém na aldeia mais sábia é e, conseqüentemente, mais respeitada por todos.

Os Kanhgág observam a natureza, da qual se sente parte e a tem como fonte inspiradora de vida e educação, mas também observam o comportamento de outras pessoas. Assim, desenvolvem-se a partir dos modelos que observam, imitando e, principalmente, fazendo o que veem e sentem.

A oralidade surge como prática educacional está presente não só na fala, mas na escuta respeitosa e atenta a palavra: escutar e entoar os cantos e se dispor ao ensinamento que é oferecido pela palavra são marcas importantes da educação tradicional Kanhgág.

Aprendizagem com os irmãos maiores também é muito importante.

Em geral, quem introduz a criança na concretude da ação é o irmão um pouco maior, que propõe situações em que a criança menor é levada a fazer, observando e imitando o outro.

A criança busca o seu próprio conhecimento. A criança é levada a observar, pois terá que fazer por si. É visível o esforço que as crianças fazem para aprender, muito maior que as iniciativas dos adultos para ensinar. O adulto nunca se antecipa numa resposta, mas espera o momento em que o jovem vem procura-lo, espera a pergunta, espera o movimento que vai ao encontro daquele que tem sabedoria para transmiti-lo.

O tempo de aprendizagem corresponde ao tempo de vida. Estamos em movimento e aprendendo sempre.

3.8. Os animais: uma forma de aprender



Figura 7

Os animais além de servirem de caças são muito importantes para os índios. A humanidade, especialmente os índios aprenderam com os animais.

Eles são muito inteligentes, quando vai acontecer algo com uma pessoa, sabem o futuro. Os indígenas prestam atenção na linguagem deles para entender o que eles estão transmitindo.

Os animais têm muitas histórias que os índios sabem e contam nas festas um para o outro e dançam.

O tigre e o macaco têm muitas histórias contadas pelos índios. Os corvos têm a história que foram para o céu tocar um baile e o sapo foi junto dentro do violão, sem os corvos saberem.

Quando os colonizadores europeus chegaram aqui, eles não conheciam a enorme variedade de animais e plantas brasileiras. Os índios é que foram apresentando e dando nome aos animais como, por exemplo, a capivara, o tamanduá, a cutia, o pirarucu, o jabuti; e as frutas, como o cacau e o cajá.

As abelhas são animais muito significativos. Elas produzem o mel e o própolis, muito utilizados para combater e tratar de gripes, resfriados e problemas na garganta.

Do ponto de vista cultural os animais têm um grande papel. Simbolizam forças da natureza e características humanas, ocupando um papel fundamental na mitologia das tradições indígenas.

Os animais de estimação são uma fonte de alegria e satisfação. Quantas pessoas hoje em dia têm a amizade de um animal, talvez uma das principais, senão a principal companhia? O relacionamento entre homens e animais está em andamento, resultando mudanças diretas na vida de ambos. A convivência harmônica entre eles é fundamental para o benefício da vida no planeta como um todo.

3.9. A Terra

A terra é uma criação de Deus. Significa “mãe” para os povos indígenas. Tudo que tem vida nasce da terra. Ela nos sustenta para vivermos melhor e ela mesma nos consome.

Há algum tempo atrás, a produção que era plantada dava bons frutos, no tempo presente não é mais assim, cada vez se produz menos. Isso já era a previsão dos anciãos indígenas. A terra está ficando sem vida, tudo por causa dos venenos aplicados as plantações.

O espírito da terra está muito bravo por causa do desrespeito do ser humano. Deus fez a terra com todos os tipos de alimentos, mas o homem destruiu tudo.

Os kanhgág no Brasil compartilhavam a terra com os invasores para colonizar. Hoje tudo virou objeto de negócio. As pessoas se apossaram das coisas que pertencem a Deus.

O solo está sem estrutura, por isso quando chove desmorona tudo, as pedras rolam, as árvores não ficam em pé. O vento sopra em alta velocidade.

Os kanhgág antes de plantarem falam com a terra, para a mesma ajudar a semente a produzir muitos grãos para sustentar a sua família e seu povo. Na colheita eles fazem uma dança de agradecimento pela sua boa colheita.

A grande luta dos indígenas é pela recuperação e ampliação de suas terras que foram tomadas pelas políticas de reforma agrária.

Queremos a ampliação das nossas terras. Não para dar impacto conforme relatado, mas para recuperar os animais para caça, o mel que é bom para a nossa medicina, recuperar os rios e os peixes.

As folhas e raízes que servem de alimento e remédio. As florestas para o bem-estar dos animais, o ar puro para as pessoas.

O objetivo da demarcação é esse, possibilitar que nosso povo tenha garantido pelo poder público nossa terra. O poder público tem que entender, em algumas aldeias está sendo agendado com alguns colonos. Isso já acontecia com o SPI (Serviço de proteção aos índios).

Nós indígenas não podemos arrendar, deixar a floresta tomar conta, a nossa alimentação e o bem-estar está na floresta. Nós plantamos para nossa subsistência e isso é nossa sabedoria. Se fizermos grandes plantações temos que usar veneno. Isso já complica a saúde de quem iria usar estes alimentos da natureza, pois tudo é medicamento.

A terra é medicinal. Fazemos parte da mesma, temos que ter contato. Muitas mães não gostam que os filhos coloquem os pés no chão. Isso dá força, é sagrado. Se não faz isso significa que tem medo de ti mesmo.



Figura 8

3.10. Linguagem e língua

Desde o início da humanidade, os Kanhgág interpretam o mundo de línguas ao seu redor. Pensando nisso, um dia, no centro de sua tribo, um velho índio falou a todos com muita calma.

- Nós achamos que somos inteligentes..., mas os animais são mais inteligentes, os pássaros, por exemplo, sabem muitas línguas que o ser humano nem sequer conhece. – disse, enquanto olhava o horizonte.

- *E qual é o animal mais sábio em línguas? – questionou um dos aprendizes, muito interessado. Após pensar um pouco, o velho índio respondeu.*

- *O que mais sabe línguas é o tigre. – disse – Nós, os Kanhgág, aprendemos a interpretar as línguas com os animais, a palavra Kanhgág, que dá nome ao nosso povo, por exemplo, vem da língua de um pássaro. Há muito tempo, índios andavam pela floresta, quando, de repente, notaram um pássaro que repetia aos gritos a palavra “kanhgág” em sua direção. A partir de então, os índios que o ouviram cantando, acreditaram que este era seu nome.*

Por isso, os índios Kanhgág interpretam muitas coisas que os pássaros fazem. Mas não são só os pássaros que são sábios, cada vida tem seu poder na visão dos índios. As aves sabem do futuro, elas sabem tudo que vai acontecer; o tigre é o sábio das línguas, apesar de cada ser na terra ter sua própria língua.

- *E o sol, tem língua? – questionou um menino que estava sentado bem na frente.*

- *Às vezes, o sol está fraco, triste, cansado, outras vezes, brilhoso, gostoso... sabem o que isso quer dizer? O sol está dizendo que ele está brabo, já que está queimando, mas as pessoas não o interpretam bem. Então o sol fica nublado e a humanidade triste – respondeu o índio. – Sim, o sol tem língua, mas nem sempre é compreendido.*

Toda a vida no planeta tem as suas linguagens. Existem algumas substâncias que não tem vida como, por exemplo, a pedra. As pessoas podem interpretar a linguagem daqueles que possuem vida e assim se comunicar com estes seres. As línguas e as diferentes formas de linguagem ajudam a comunicação. Quando nos comunicamos construímos um diálogo e isso é bom para nos aproximarmos uns dos outros, adquirindo confiança e, desse modo, nos apoiarmos mutuamente. É preciso falar em e com respeito, a favor do outro e construirmos amizades. Se não dialogamos não poderemos conhecer os outros. É a falta de diálogo que gera a desconfiança e o preconceito, as brigas, o falar mal do outro e as próprias guerras.

Existem muitas formas de linguagem. O tigre, por exemplo, é o que melhor possui a capacidade de falar, conhece muitas línguas, pois isso o favorece na caça. É desse modo, que ele se aproxima de outros animais. Assim, ele sempre leva vantagem. É preciso entender estas línguas para que possamos nos relacionar com ele. Qualquer um pode aprender estas línguas, da mesma forma que aprendemos outras línguas, como português, espanhol. Os tigres falam a

língua dos pássaros, das pessoas, imitam qualquer língua. Os que podem também falar a língua dos humanos são os pássaros como periquitos, araras, as caturritas.

Usar a fala para coisas importantes, a fala é sagrada! Devemos ter cuidado com a fala, com o poder das palavras o quanto pode destruir o outro e a nós mesmos. Os kanhgág vivem e amam a natureza. Conhecem e interpretam uma grande parte das linguagens da natureza e de todo planeta. Aprenderam com os animais, com as florestas e o planeta. Fazemos a leitura da linguagem e nos comunicamos com a terra, o sol, as árvores, lua, estrela, nuvens e - através de seus gestos. As folhas, quando caem, são os gestos da árvore. Desse modo, sabemos se ela está triste, se chora. Não é só o vento que faz a árvore se agitar, estes movimentos que ela faz são a sua linguagem. Precisamos entender, interpretar e dialogar com esta linguagem. Quando colhemos partes dela para fazer o chá também precisamos falar com ela, para que entenda que doença necessita ser curada. Pede-se licença para o espírito da árvore, da mesma forma para água que comporá o chá, para que com a força deles se possa curar a doença.

Por isso não devemos destruir nada, basta compreendermos suas linguagens e sabermos nos relacionar com elas. Afinal, tudo que Deus criou não é para o mal, mas para o bem.



Figura 9

3.11. O tigre e o macaco

Certo dia, o tigre, sábio das línguas e por isso um dos predadores mais eficazes, saiu para buscar alimentos, já que o inverno estava chegando. O macaco ficou encantado com a mulher do tigre, por isso ficou admirando-a. Quando o tigre partiu, foi conversar com ela:

- O que tu tá fazendo? – perguntou com ar desinteressado.

- Recolhendo folhas, puxando lenha, pois o inverno está chegando... – respondeu a tigresa.

- *E o compadre, tá em casa?* – questionou o macaco.

- *Ele não está... foi caçar, mas vamos entrando mesmo assim!* – insistiu a mulher do tigre.

Então ficaram os dois conversando até que a noite chegou.

Quando anoitece, a mata fica perigosa e poucos animais são corajosos o suficiente para encará-la. Vendo a escuridão, a tigresa convidou:

- *Podes dormir aqui.* – disse, ajeitando-se para dormir.

O macaco gostou da ideia e prontamente aceitou o convite. Havia uma grande fogueira no meio da morada, sua chama amarelada refletia uma forte luz que causava sombras nas paredes de madeira de eucalipto seca. Dormiam cada um de um lado da fogueira, no entanto, volta e meia o macaco tremia, batia o fogo e se coçava, para mostrar que sentia frio.

- *Tem muita pulga aqui onde eu tô deitado, não consigo dormir. E se eu fosse deitar aí perto de você, daí a gente poderia se esquentar* – propôs o macaco. *A tigresa aceitou.*

Quando estavam juntos, o macaco, no escuro, mexia-se muito e tocava-a meio sem querer. E perguntava:

- *O que é isso?*

- *Meu cabelo, meus olhos, meu nariz, meu umbigo...* - respondia a mulher do tigre, até que pegaram no sono.

De manhã, quase dia, o macaco escutou os passos do tigre voltando e fugiu às pressas. Apesar da mulher do tigre afirmar que ninguém havia estado ali, o tigre conhecia a linguagem das coisas. Fez uma busca nos arredores e encontrou vários macacos dormindo nas árvores. E, sabedor das línguas, percebeu logo que não era nenhum daqueles que havia estado em sua casa. Continuou a busca por muitos quilômetros até que encontrou seu compadre dormindo de barriga para cima em um galho.

- *Foi você que esteve na minha casa, não foi?!* – perguntou o tigre.

Tinha sido ele. O tigre sabia mesmo das coisas!

3.12. Cantos e danças

Cantar e dançar é bom para alegrar os corações. É bom quando estamos tristes, lembrarmos das coisas que ficam marcadas através de algum canto ou música.

Os indígenas cantavam e dançavam para seus cunhados e cunhadas, seus irmãos da mesma metade tribal, para sua esposa e até mesmo para seus inimigos. Cada dança tem um significado: dança da colheita, plantio, chuva, conquista, guerra, festas, para amigos e inimigos.

A história Kanhgág conta que todos os tipos de animais cantavam e dançavam, também faziam desafios de trovas, onde ressaltavam defeitos e qualidades dos seus oponentes. Existe canto e dança Kamê e Kanhru.

Conta-se a história de que os animais que sempre viveram em bailes foram o tigre e o macaco. O macaco era o violeiro.

Muitos pássaros cantam de forma alegre e triste, dependendo da ocasião. Quando ouvimos os mesmos cantar, nos lembramos de situações e lugares por onde passamos. O canto do sabiá é um exemplo dessa forma de cantar, ora alegre ora triste.

Através dos cantos dos pássaros, os sábios indígenas descobriam o que eles estavam tentando transmitir, se era algo bom ou ruim. Dentro da visão indígena Kanhgág a origem dos cantos e danças vem dos animais.

3.13 Culinária Kanhgág



Figura 10

Os Kanhgág não possuem um horário pré-estabelecido para fazerem as suas refeições, a hora de se alimentar é quando a fome chega.

Quando recebem uma visita em sua casa, fazem uma refeição para compartilhar. Os kanhgág tem por hábito compartilhar.

Como o povo é dividido em duas metades tribais, Kamẽ e Kanhru, o Kamẽ faz comida para a Kanhru e vice-versa. Existem comidas que são típicas de kamẽ, assim como as de Kanhru. Kamẽ só deve comer comida Kanhru e vice-versa.

Alimentos típicos de kanhru: bolo na cinza (emí), maria pimentinha (fuva), guabirova (pênva). Alimentos kamẽ: mandioqueira brava (kumí), milho (gár), pinhão (fág).

O kamẽ faz comida Kanhru e o Kanhru faz comida Kamẽ. O alimento é o próprio remédio. É recomendado preparar o alimento com água que tem vida, retirada direto da fonte.

É muito importante repartir o alimento com quem precisa e com quem tem fome, pois o mesmo vem de Deus.

3.14. Ervas medicinais



Figura 11

Quase todas as plantas na floresta servem para remédio. São boas e importantes para as pessoas, animais e os pássaros. Essas vidas conhecem as ervas. As próprias ervas também são alimentos.

Quando os kujás e os raizeiros coletam as ervas, falam com as mesmas, dizendo que é para curar a doença da pessoa ou até de um animal.

João Nelson, da aldeia de Votouro, fala que o horário bom para coletar as ervas é de manhã, porque as plantas estão com sua seiva favorável para curar doenças.

As ervas para terem o seu valor e força tem que nascer na própria terra. Quando arrancamos uma erva do mato para plantar próximo a casa ou sua horta, a erva perde o seu valor de cura.

Eu penso que a horta medicinal é só para o estudo da ciência, vem do homem branco que pensa a natureza como algo que está exclusivamente a seu serviço

3.15. A festa do Kiki Konh

Para o Kiki Konh, os pënh organizam os demais participantes, o lado Kamê e o lado kanhru. Os integrantes não devem estar doentes para beber, cantar e dançar. Outras kujás também e kanhru devem participar. Tem fogo Kamê e Kanhru. São três dias de encontro, tem queima de ervas, batismo, espírito.

Acontece então a primeira visita ao cemitério, em um momento que antecede a realização do Kiki, para colocar o tipankri sobre as sepulturas dos recém-falecidos kamê e kanhru que futuramente serão “expulsos” para o mundo dos mortos, o numblê, através da realização do kiki.

O tipankri é colocado nas sepulturas tempo antes dos rezadores e participantes de ambas as metades Kamê e kanhru entrarem no cemitério, justamente para a identificação dos espíritos dos recém-mortos que receberão a visita dos participantes do ritual e serão “expulsos”.

Para os kamê, o tupankri é um ramo do pinheiro, para os kanhru, um ramo de sete sangria (samambaia). Para os kanhgág, o tupankri simboliza os pecados do morto. Mas a noção de pecado entre os velhos kanhgág tem significado diferente daquele que os ocidentais tomam para si.

Quando, no kiki os rezadores colocam o tupankri sobre o túmulo, e as pënh retiram-se para fora do cemitério (na direção oeste, quando o morto é da metade kamê, e para leste, quando kanhru). Isto simboliza a mudança do espírito da condição “ruim” (porque o espírito do morto está ainda entre os vivos) para a condição “bom”, desejável, porque o espírito está

agora entre seus parentes falecidos, no numblê. Em outras palavras, no kiki acontece a encenação da passagem dos espíritos do cemitério (“ruim”) para o numblê (“bom”).

Para preparar o Kiki, cortam um pinheiro para fazer o cocho de bebida. Isso depende do guia, de kujá para kujá, tudo depende do guia, em Xapecozinho, Santa Catarina, por exemplo, cortaram pinheiro. Os kujás podem fazer de outras madeiras. Ao cortar a árvore, o kujá pede licença para o espírito da mesma, respeitando o chefe da mata. Para participar do Kiki, o Kujá ainda precisa sonhar, porque é perigoso beber e cair. Isto significa um mal agouro, alguém da família pode vir a falecer.

O kiki konh é preparado com todo tipo de mel que existe na floresta, vários tipos de frutas silvestres, folhas e raízes e algum tipo de formiga especial, isso para ajudar na fermentação e formação do álcool.

Na terra indígena de Xapecózinho deixaram fermentando 8 dias para abrir o cocho e beber. Em alguns lugares tem uma variedade de 15, 20 a 30 dias. No preparo do Kiki, o kujá e os pënh fazem danças e pedem para os espíritos do mau se afastarem. Na praça é construído o Kókey (cocho), ali também é preparada a bebida kiki e são acendidos o fogo de nó de pinho.

Acontece então o primeiro fogo. Neste primeiro fogo são acesas duas fogueiras, uma para cada metade grupo, kamê e kanhru, que se reúnem ao redor de suas fogueiras e não usam rá/marcas.

As famílias dos mortos oferecem garapa para os rezadores e os participantes. Essa oferta significa o desejo que o kiki se realize. Os rezadores rezam com o xikxy (instrumento utilizado pelos rezadores durante todas as etapas do ritual). Alguns homens tocam cornetas feitas de taquaras, enquanto outros sopram cornos de boi. As mulheres dançam imitando o tamanduá- mirim.

Segundo fogo. Acontece no mesmo lugar da noite anterior. Os fogos de nó de pinho são reavivados das cinzas do primeiro fogo. Os kanhgág novamente são divididos em duas fogueiras. Rezam e dançam ao som do xikxy e das cornetas, bebem garapa trazida pelos familiares do falecido. No segundo fogo, cada metade usa a sua rá/marca.

Os kamê desenham riscos na face com carvão do pinheiro, os kanhru desenham círculos com o carvão das sete sangrias. As pënh têm pinturas diferentes, como elas circulam livremente pelos fogos kamê e kanhru, têm riscos e círculos em seus rostos.

Segundo o kanhgág Pedro Kresó (1987, p.80-81):

O primeiro fogo kamẽ e kanhru é para derrubar o pinheiro para o cocho da bebida. O pinheiro não pode ser derrubado nem trazido sem rezas [...] depois do primeiro fogo, se realiza o segundo, pois já se derrubou o pinheiro e o cocho está pronto. O terceiro fogo é feito para encerrar a tradicional festa do kiki.

Terceiro fogo. Depois de ter sido fermentada a bebida, por um tempo que muda de ritual para ritual (de 3 dias a dois meses), os kanhgág fazem então o terceiro fogo.

Essa etapa acontece na praça, à noite, mas desta vez, eles passam a madrugada e amanhecem rezando e cantando em torno de seus fogos, três para cada metade, posicionados ao lado do kókey/cocho, em linha reta, sentido leste oeste.

Os participantes kamẽ ficam nas três fogueiras do lado oeste, os kanhru nas três do leste. Em volta do fogo são colocadas folhas de sete sangria, pela pënh, para demarcar o espaço das metades.

Com exceção das pënh, os kanhgág de um grupo não devem ir na fogueira do outro. Segundo os rezadores do kiki, na noite do terceiro fogo acontecem tanto as rezas boas, como, depois, as rezas ruins.

Nessa noite, os pais têm medo que seus filhos durmam, pois os espíritos que vêm para o kiki podem raptá-los. No rito, é comum a participação de crianças, que também são pintadas conforme a metade do pai. À medida que a madrugada avança, alguns índios se recolhem para descansar e abrigar-se do frio, porém, os velhos rezadores permanecem nas suas fogueiras, rezando até o nascer do sol.

A dança final do kiki, a da festa, acontece ao redor dos seis fogos, três para cada metade, ao lado do kókey (cocho). Os kamẽ se dirigem às suas fogueiras que estão postadas a oeste. Em pé, os rezadores tocam os xikxy e batem os “bastões de ritmo” (galhos) no chão, as pënh, dançam como o tamanduá, músicos tocam suas cornetas, fazem primeiro isso se movimentando no seu lugar, depois, caminhando em círculos/ sentido anti-horário pelas fogueiras.

As pessoas da metade kanhru, mais a leste, rezam. Enquanto isso, o organizador do ritual abre o kókey (cocho), se vê de um lado, os kamẽ, e de outro, os kanhru. As pessoas convidadas para assistir o ritual também bebem o kiki, quando Kamẽ e Kanhru se reúnem para dançar. As metades se fundem num grupo só. Eles dançam em volta de seis fogos (e não apenas em torno dos seus três), todos cada vez mais embriagados de tanto beber kiki.

Os rezadores kamẽ e kanhru agitam-se abraçados um no outro. Brincando, alguns jovens chutam brasa quente nos pés dos outros. O término de bebida é o sinal que o ritual está chegando ao fim. No kókey (cocho) são realizadas as últimas rezas. A união está novamente desfeita. No kókey (cocho), os rezadores kamẽ se dirigem para o oeste, os kanhru para leste.

Acontece então a segunda ida ao cemitério. Os kamẽ caminham sempre em grupo na frente dos kanhru. Nessa ida ao cemitério, os rezadores tocam os xikxy, os corneteiros assopram seus instrumentos, as pẽnh encenam os passos do tamanduá, as pessoas vão brincando.

Os kamẽ são os primeiros a entrar no cemitério, enquanto eles permanecem lá dentro, os kanhru aguardam na porta, até que saiam, depois, os kamẽ partem de volta a praça, entram então os kanhru, para fazer a sua parte nessa etapa.

Dentro do cemitério, os kamẽ se dirigem para as sepulturas marcadas pelo tipankri do kanhru, a oeste; os kanhru vão as sepulturas marcadas dos kamẽ, a leste. A localização espacial no cemitério é indicada por uma cruz no lado oposto a entrada principal, no centro.

No túmulo da metade oposta, o rezador conversa com o espírito do recém-morto em kaingág. O rezador bate com o xikxy na terra do túmulo (ou tijolo, se for o caso), pergunta ao espírito se ele está dormindo, pede que não o olhe diretamente. A seguir, o rezador faz a reza empunhando o xikxy sobre o túmulo, depois pede que as pẽnh finquem a cruz na altura da cabeça do morto.

Feito isso, o rezador autoriza que as pẽnh retirem a tipankri de cima da sepultura do kanhru e o atirem fora do cemitério, na posição oeste. Do mesmo modo, o rezador kanhru conversa com o morto kamẽ, pede para que as pẽnh tragam a cruz e que retirem a tipankri e o atirem ao leste.

Nesta ocasião os espíritos dos mortos fazem a liberação de seus nomes, para que possam ser usados pelas crianças da comunidade. A partir desse momento, as crianças podem receber o nome de alguém falecido, sem ter maiores problemas. Os indígenas kanhgág acreditam que se o nome não for liberado para ser usado, o espírito do falecido pode vir roubar a alma da criança.

4. A EDUCAÇÃO KANHGÁG

4.1 Educação fora da escola: a oralidade e a escrita

*Educar é, portanto, preparar o corpo para sentir,
aprender e sonhar.*
Daniel Munduruku

Esta parte do texto trata da educação dos povos indígenas Kanhgág. Diferente da educação escolar, para meu povo a educação verdadeira se dá fora da escola. Existe educação em vários espaços, em diferentes contextos, como também no silêncio das culturas. É só estarmos dispostos a olhar e aprender. Mas para isso é necessário, antes de tudo, uma abertura, que se dá pelo diálogo e encontro entre diferentes saberes.

A educação escolar é difícil de decifrar e conceituar. Seria a partir do quê que a escola existe? Qual a pauta que a dirige? Serve para quem? Está a serviço do quê? São só algumas perguntas que permeiam esta temática, mas que é tão complexa que fica extremamente difícil conceituar.

Primeiro, a escola é definida por um espaço: a sala de aula. Não que alguns professores não façam suas aulas fora deste contexto, mas se assim o fazem não essa não é a maioria. Muitos não gostam de fugir deste espaço, da rotina, por questões que vão desde o controle até o disciplinamento. É mais fácil controlar o aluno dentro do espaço escolar, classe atrás de classe. Ao invés, de pensar, por exemplo, outra disposição, como um círculo, em que todos possam se ver.

E o que dizer dos conteúdos desta escola? Já vem preparados no plano de ensino do professor, na maioria das vezes, não adequado a realidade dos alunos. Mas temos, enquanto que profissionais, que cumprir o programa. Temos prazos, avaliações para aplicar, notas para calcular... Toda uma rotina diária de atividades em que o aluno é esquecido.

Escutamos muito estes questionamentos: para que serve isto mesmo? Na verdade, muitos não sabem, só sabem que é necessário aprender, mesmo que não consiga fazer uma vinculação com sua vida cotidiana.

Para muitos, a escola acaba se tornando um lugar de encontros. Vão a escola para rever os amigos, colegas. Cria-se um círculo de amizades neste espaço e a questão do ensino fica esquecida.

A educação para o povo Kanhgág é fundamentalmente oral. Para lembrar Freire (2014) que nos fala da importância de não oferecer um programa a ninguém, mas de criá-lo com os estudantes, elaborar junto com eles o programa.

Dentro da visão indígena, a escola indígena cria seu próprio currículo juntamente com os alunos, pois, “não há outro ponto de partida, em nenhum processo educativo correto, que não seja o ponto em que estão os educandos” (FREIRE, 2014, p.72).

A nossa educação parte da reconstrução de nossa própria história, lembrando que o,

[...] língua mesmo só a do colonizador, a do colonizado é dialeto, é um negócio ruim, fraco, inferior, pobre, incompetente, não é capaz de expressar o mundo, de expressar a beleza, a ciência, isso só pode se fazer na língua do colonizador, língua branca que é a melhor, mais bonita, porque por trás desta branquitude, tem tanto Camões como Beethoven. (FREIRE, 2014, p.29).

E Freire continua dizendo para nós indígenas que,

[...] o Brasil jamais foi descoberto. Ele foi conquistado, mas foi dito que o Brasil foi descoberto, porque tinha interesse em dizer que foi descoberto, apesar de ser invadido, de terem conquistado as terras. (Id.Ibid, p.39).

Nós indígenas como os primeiros habitantes deste país temos uma educação oral, a escrita faz parte de um processo de colonização. Como continua a dizer Freire (2014, p.38) “nós temos que respeitar a memória oral, inclusive a introdução da palavra escrita nestas culturas de memória oral tem que ser bem feita com um total respeito a oralidade”.

Nossa cultura está repleta de histórias e memórias. São pequenos contos, lendas que são repassados ao redor do fogo. Tem um fundo moral e são perpetuados pelos mais velhos. É importante lembrar que não existe somente a Pedagogia acadêmica, que se aprende na universidade. Existe uma pedagogia, uma forma de ensinar que está imersa na nossa cultura, pois esta cultura é eminentemente pedagógica, no sentido mais profundo que esta palavra tem.

A língua Kanhgág tem seu valor, possuímos uma escrita com fonemas específicos. Ao falar dentro do próprio idioma, reforçamos a identidade cultural. E a língua também dentro da visão indígena tem um poder. É um espaço de política e afirmação étnica.

Ao resgatar a importância da educação oral, destaco que a mesma não precisa do ambiente da sala de aula e que pode ocorrer em diferentes contextos. Contextos que vão além de um espaço físico, pois a educação é para toda a vida, num processo de construção contínuo, feito no diálogo e na escuta aos mais velhos.

A oralidade é assim fundamental na cosmologia Kanhgág. Toda a natureza se comunica entre si, e os Kanhgág aprendem com a natureza esta comunicação.

Os Kanhgág sabiam a temperatura da chuva pelo sol e falavam para o mesmo que gostariam de ter o seu poder. Por este motivo, faziam muitos pedidos ao sol, que era considerado um deus. Conforme as posições das estrelas, os kanhgág também sabiam que ia chover. Os horários também eram controlados através da estrela cruzeiro do sul.

Os animais e os pássaros, também faziam comunicação direta com os kanhgág. A comunicação era com todos os espíritos de todas as vidas do planeta, inclusive com a terra, rios e árvores, todos tinham o seu poder que Deus deu, e por este motivo que os Kanhgág tinham a sua amizade.

Toda a cultura, identidade, leis era passada de pai para filho. O respeito ao mais velho e a todas as vidas do mundo. Valores como trabalhar, não roubar, não matar, não brigar, sinceridade e honestidade.

Dentro da sabedoria Kanhgág, as crianças e jovens são atenciosos, que escutam para depois falar, não interrompem, amam a si e aos outros. Conhecem suas danças, cantos, identidade e demais coisas referentes a sua cultura.

Possuem também respeito com sua família e outras famílias. Ajudam aqueles que precisam.

Dizemos que eles saem da porta de casa disciplinados pelos pais, saem educados para a escola e a sociedade.

Respeitam as pessoas de qualquer idade. Sabem seus direitos e deveres. Tem amor por todas as vidas do planeta.

Quem pode passar todos os conhecimentos são os anciãos, parteiras, kujá, caciques e outras lideranças.

Todos estes valores são transmitidos em reuniões, em uma casa ao redor do fogo, por isso a escola não é o lugar onde se aprende estes valores (e nem pode ser, porque precisamos da presença dos mais velhos, da natureza para que este conhecimento tenha sentido).

Trepar em árvores para apanhar frutas, coletar mel, pescar, fazer utensílios de artesanato, plantar, caçar, defender seu patrimônio cultural, linha clâmica, casamento de kamê e kanhru, história de seu povo e de outros povos indígenas, culinária, tempo, vida Kanhgág, ervas, matemática. Todos estes valores as crianças kanhgág aprendem olhando e depois começam a praticar.

Tudo tem seu tempo de vida e aprendizado. Até queimar os dedos no pé do fogão ou fogo de chão é um aprendizado, fazer as palhas de artesanato com a faca cortante e cortar a mão faz parte do aprender.

Esses são alguns dos temas da proposta diferenciada da escola que deveria ser um caminho para a humanização. A escola deve ter uma proposta pedagógica que leve em consideração um projeto de humanidade. Mas é importante destacar que a educação kanhgág parte da família, é aí que a criança começa a se humanizar. A escola serviria apenas para o registro da memória. A escola, para fazer parte da vida que transita dentro da aldeia deve saber dialogar com o conhecimento indígena. Embora a lei do branco se imponha como uma lei universal, ela deve ter uma abertura para efetivamente beneficiar os povos indígenas. O que não cabe na escola ensinar, acontecerá em outros espaços da vida Kanhgág.



Figura 12

4.2 A interculturalidade: a contribuição da sabedoria Kanhgág para a Educação

Procuro aqui pensar a interculturalidade dentro da visão indígena através partindo da compreensão que nosso povo, cultura e identidade são sagrados. Para isso é importante falar de como o passado projeta o nosso futuro, orientando o nosso caminhar.

Nos identificamos como sendo a natureza e não apenas parte dela, saliento a importância da mesma e nosso dever de preservação. Vou também falar da necessidade de aprendermos com a natureza, entendendo sua linguagem e a forma como nos fala.

4.2.1. Cultura e identidade: passado projetando o futuro

Parto do princípio que minha primeira identidade é meu próprio nome. Dentro dos meus valores culturais, o nome tem um valor de extrema importância. O meu nome carrega então, dentro desta perspectiva meus valores, minha cultura e minhas origens. Não posso negar este fato e sim reafirmá-lo, para então propor um diálogo com as diferentes culturas que me cercam. A interculturalidade parte de mim, das minhas próprias linhagens clâmicas. Meu avô materno é xogleng e minha avó guarani. Já meus avós paternos são Kanhgág coroados. Com isso quero dizer que não posso buscar a interculturalidade se não vivo minha cultura.

Hoje, no Brasil, existem várias culturas entrelaçadas. Até mesmo dentro da minha própria etnia Kanhgág, já existem diferenças. Não encontramos mais um ponto único.

Isso se deve ao fato de que como povo, etnia estamos sempre em movimento. Estamos rodeados de outras culturas e nossos conhecimentos sofrem ressignificações. Nada é estático, neste campo onde as interaprendizagens acabam acontecendo.

Mas, para que estas interaprendizagens realmente ocorram de forma plena as diferentes culturas tem que ter abertura para o diálogo. Este exercício de dialogar é o que proporciona profunda aprendizagens, para os que são por esta prática envolvidos.

Dentro da perspectiva cultural kanhgág, para irmos adiante na nossa caminhada pessoal, precisamos de um ponto de partida. O mesmo se localiza no nosso passado, lembrando que o passado também é futuro. Já nossas origens que são o nosso patrimônio e a

cultura sagrada, estes são o principal patrimônio de um povo. Lembro aqui o que MUNDURUKU (2012) se indaga:

[...] como essa identidade e esse projeto poderiam estar a serviço de uma concepção de futuro dentro de sociedades que se caracterizam pela ausência de um pensamento que elabora o tempo futuro? (MUNDURUKU, 2012, p.62).

Por isso, é de extrema relevância o que ficou no passado. Ele faz parte do nosso presente e somente assim conseguimos projetar o nosso futuro, pois “o futuro é para nós um tempo que não se materializou, não se tornou presente e por isso impensável para a lógica que rege nossa existência” (Id.Ibid. p. 68). O planeta é uma esfera, todas as coisas têm um peso fixo. O passado, o presente e o futuro vivem dentro deste sistema planetário. Não pode ser ignorado. Essa prática nos permite aprender com os nossos erros, remodelar os nossos objetivos, tentando dessa maneira desenhar um futuro melhor para nossos descendentes que continuarão a caminhada. Lembrando que cada indivíduo deixa suas marcas, que são únicas, peculiares a cada um.

Pensando dessa maneira, a cultura e a identidade dos povos kanhgág são sagrados. Somente aqueles saberes que adquiro ao longo da minha jornada pessoal, não tem tanto valor. Eles serão agregados, somados, mas nunca devem se sobrepor aos valores culturais e identitários da minha etnia, a qual me vinculo.

Esses valores culturais e identitários devem sempre se destacar em mim como pessoa. Ao cruzar e andar no meio das diferentes culturas que me cercam, não é pela minha aparência que devo ser notado, mas pelos meus valores, meu modo de falar e minhas convicções que devo sempre trazer junto a mim, respeitando e cumprindo as mesmas rigorosamente.

Os povos indígenas em geral, no processo civilizatório, passaram por um período considerado por muitos, como uma legítima barbárie. De acordo com essa visão, a cultura e a identidade cultural indígena foi negada. Como povo, fomos obrigados a negar nossos valores culturais e patrimoniais. O que para nós era sagrado foi considerado profano. Todos os povos do planeta são civilizados no momento que praticam suas práticas, suas culturas dentro das suas organizações. Não podemos ser considerados civilizados, somente quando sabemos a “cultura dominante”.

Fomos obrigados a incorporar valores e aspectos culturais que não nos pertenciam. Não houve uma troca e sim uma substituição que nos foi imposta. E o pior, passamos por um processo de negação. Para muitos, foi necessário negar, para poderem continuar vivos.

Acrescentando que segundo Todorov (2010), não existe uma cultura superior a outra. E todas as culturas vivem dentro de uma pluralidade, por este motivo não podem ser consideradas como civilizadas. Todos a partir de seus atos podem ser tornar bárbaros ou civilizados. Todorov (2010, p.65) fala que:

[...] a pluralidade das culturas (um fato incontestável) não impede, de modo algum, a unidade da humanidade (outro fato incontestável), nem, portanto, o julgamento que estabelece a realidade dos atos bárbaros e dos gestos civilizados. Nenhuma cultura traz em seu bojo a marca de barbárie, nenhum povo é definitivamente civilizado; todos podem tornar-se bárbaros ou civilizados. Esse é o caráter próprio da espécie humana.

Essa prova de sobrevivência, que muitos povos indígenas passaram teve e tem um preço muito alto até os dias de hoje. Atualmente, lutamos para resgatar valores, patrimônios e culturas que foram dizimados. É nesse resgate, nesta busca incessante que os indígenas atuais trabalham, lutam. Tentam resgatar de muitas memórias perdidas, o que ficou no passado, colocando agora para o escrito, passando assim do oral para o registro.

Como etnia Kanhgág, acreditamos que somos a natureza que nos rodeia. Não existem existências, vidas separadas. Somos compostos por três substâncias básicas: água, terra e atmosfera.



Figura 13

Olhando de forma crítica para os três elementos básicos que compõem a humanidade, faço os seguintes questionamentos. Como está nossa água? As nossas fontes, os nossos rios? Estão limpos e saudáveis?

A água tem vida, mas a humanidade que se considera “civilizada”, está matando a mesma diariamente. As fábricas são um exemplo claro, que despejam lixo nos rios, nas fontes de água todo o dia, a toda a hora. Isso não é humano e sim desumano!

E o que falar do desperdício dessa fonte de vida? Enquanto em alguns lugares se tem tantas fontes disponíveis ainda, já existem lugares onde a mesma é racionada ou já não existe mais. O que acontecerá quando não tivermos mais água para beber? Nossa fonte de vida, do que somos compostos está morrendo e nós também. Mas, infelizmente, poucos estão se dando conta desse fato.

Como estão os nossos solos, a nossa terra? Antigamente, nossos antepassados plantavam e colhiam. Viviam basicamente da terra. Hoje, devido aos grandes empreendimentos imobiliários que nos cercam, não existe mais terra para plantar. Por este motivo, acabamos ter que obter outras formas de renda, que pode por vezes ser perigosa e que causa doenças.

Muitos moram em condomínios de luxo, cercados de todo o tipo de conforto, mas não sabem o valor da terra que tem sob os pés. Não dão atenção alguma a este fato e nem valorizam o que provém da mesma. Ninguém gosta de estar aprisionado, nascemos para estar em contato com a natureza.

A ganância do ter e ser tomou conta do ser humano, que esqueceu que a terra é para todos. Hoje, poucos têm acesso a mesma, que está poluída também como a água. Pouco se planta e esse pouco ainda não floresce e brota como antigamente. Agrotóxicos e hormônios são oferecidos para fabricar a nossa comida, para plantas crescerem e incorporarem. Plantas são modificadas cientificamente nos laboratórios e revendidas a grandes produtores. A terra virou objeto de negócio, Deus deu a terra para todas as vidas do planeta.

Doenças avançam cada vez mais. O que dizer do câncer, que todos os dias ressurge com novas formas raras? A tuberculose que todos diziam já não existir mais, que estava erradicada em nosso país, volta a ressurgir com mais força. A diabete, a obesidade entre tantos outros problemas. O ser humano cada vez mais tem seu índice de imunidade considerado mais baixo. Como explicar esse fenômeno? Fala-se em qualidade de vida, longevidade. Minha pergunta: Será mesmo? Vivemos mais, mas a que preço? Estamos cada vez mais doentes. Eu sugiro nós dar mais atenção para os pajés neste momento de desespero. Eles podem nos dar a solução.

O que dizer do ar que respiramos? Ele existe ainda? Onde? Como fazer para respirar ar puro nos dias atuais? Ao observar um final de tarde, de uma grande cidade, não consigo mais visualizar o nosso céu, nossa atmosfera limpa. Ela faz parte de mim, da criação. Mas o que consigo visualizar é uma massa, que às vezes, se mostra cinza ou preta. Estou no meio de tudo isso, mas minha vida fica a cada dia mais curta.

O meu pulmão, que assim como meu coração, é a mola mestra, que faz girar a máquina, que se chama corpo, está recebendo esta nuvem cinza ou preta. Como estará ficando o meu corpo então? Lembrando que esta injeção de ar ocorre todos os dias, minuto a minuto, durante toda a minha existência.

Ao recordar a infância, lembro-me dos finais de tarde, onde saía a andar na mata, observar o pôr-do-sol e o canto dos pássaros. Hoje, constato com tristeza, que não posso mais enxergar um pôr-do-sol como antes, devido ao grande índice de poluição e os pássaros são cada vez mais raros no céu. Motivo: o nosso ar já não existe mais. Está morrendo.

Lembrando, que na primeira parte desta escrita, salientei que como seres humanos somos formados por três substâncias básicas: Água, terra e atmosfera. Se constatarmos que estes três elementos estão morrendo, faço a pergunta final: e nós, formados destes elementos, não estamos morrendo também?

É uma pergunta a se considerar, pensar e refletir. Independente de cultura ou valores que nos regem, como seres humanos em geral, devemos sempre repensar o que estamos fazendo com este “mundo” que nos foi legado por Deus.

4.2.2. Aprendendo com a natureza

Os povos indígenas possuem um conhecimento assim milenar, muito antes da colonização. Então eles também possuem um conhecimento, assim de exploração da natureza. E eu e o meu povo, que se criaram junto da natureza, por exemplo, dos animais, das árvores, da cosmologia, dos rios acreditamos que todas estas coisas acreditamos que elas têm uma sabedoria, elas são uma vida, então elas têm uma sabedoria. É essa leitura que eu fazia, quando vivia junto a floresta. Como etnia gostamos de contar quando nasceu as coisas. Gostamos de trabalhar também os pensamentos, ou seja, de contar os valores, vamos dizer, dos rios, os valores dos animais, a valor da água e os valores da humanidade.

A ciência, ela separa o humano. A humanidade da natureza. E os professores trabalham separando isso, humanidade de natureza. E nós como etnia entendemos assim, que nós somos a natureza. No momento que nós matamos a terra, nós estamos nos matando. No momento que a gente polui os rios, que o rio tem veneno, nós estamos envenenando o nosso corpo. E nós precisamos dessa natureza. No momento que a gente não viver da luz do sol, nós se prejudicamos. Por isso que dá doença depois. O contato do humano com a luz do sol, ele fortalece a gente, a luz do sol. Ele fortalece, dá força para o homem. O homem precisa desta energia para sobreviver. E o sol nasceu para isso. É para humanizar toda a natureza. Ele tem sua força.

Os indígenas adoravam o sol como Deus. Os brancos tem o sol, mas não o adoram como Deus. Eles adoram o sol como um astro muito poderoso. É que eles querem ter o poder

desse sol. Os antigos indígenas entravam em contato com o sol e conversavam com ele. Eles acabavam tendo a força dessa cosmologia. O brilho das estrelas, a lua. Então tudo isso a gente sabia interpretar. Eu entendo mais ou menos a linguagem desta natureza, mas os mais velhos que eu convivi, eles sabiam o que o passarinho estava contando. E o passarinho é muito inteligente. Ele sabe as coisas que vai acontecer no futuro, nós não sabemos. A gente se acha inteligente, mas eu acho que perante a natureza nós não somos nada.

Os povos indígenas com sua identidade, cultura e organização formam a sua filosofia. Os indígenas Kanhgág Coroados, em especial têm a sua formação a partir das linhas clâmicas kamê e kanhru, como já foi falado, que são oriundas da natureza, que por sua vez também tem a sua classificação e seus mitos de origem.

Lembrando que mitos e cosmologia para os povos indígenas têm diferentes significados, conforme já descrito por Bergamaschi (2012, p.91):

[...] mitos são narrativas que se referem à origem, ao destino, aos sistemas de trocas, ao processo de comunicação de humanos e não humanos em um dado território. Já a cosmologia refere-se a teorias acerca do mundo, em especial, sobre forma, o conteúdo e o ritmo do universo.

Iniciei este trabalho falando de das várias versões de nosso mito de origem

Esses relatos orais dos mais antigos passaram a ser registrados de forma escrita, passando das memórias para o registro.

Devo destacar que estes mitos fazem parte da nossa filosofia como povo e, sobretudo que somente por intermédio desses relatos orais que atualmente passaram a ser registrados, que as explicações referentes à origem dos cosmos encontram a sua explicação.

Volto a reafirmar que pensando e agindo dessa forma, todos os seres que existem no mundo voltam a se relacionar. Todos os movimentos estão entrelaçados. O presente que vivemos se concentra no passado, presente e futuro em um presente contínuo. Ele é que nos guiará nas nossas ações do futuro.

Tentando compreender a filosofia indígena dentro da escola indígena, saliento que a pedagogia Kanhgág, falta assim, colocar em prática. Porque hoje nós não estamos trabalhando a pedagogia Kanhgág, o propósito pedagógico Kanhgág.

Nossas escolas indígenas têm a proposta pedagógica diferenciada. A gente tem alguma coisa ali, dentro da escola, dizem que é diferenciado, mas muito educadores indígenas como eu, estamos discordando, porque precisa ser de uma educação de povo.

Olhando para dentro desta filosofia indígena que me constituiu, percebo que me formei pedagogo, mas o pedagogo para a proposta Kanhgág. Atualmente eu não trabalharia assim, com a proposta pedagógica branca. Alguma coisa até eu peneirava para trabalhar, para introduzir dentro de uma proposta pedagógica de um povo.

Dentro dessa visão todos os povos do planeta, eles tem um sistema de educação, todos os povos. A escola quer acompanhar isso, mas ela não consegue, porque a escola tem uma única proposta pedagógica joga todo mundo dentro do mesmo saco, do mesmo barco.

Por este motivo surgem muitos problemas de aprendizagem, porque o alemão não vai entender os pensamentos portugueses. Eu tenho um pensamento, para você entender tem que ter um contato comigo, muito tempo, senão não vai entender a minha linguagem. Então, tenho descoberto assim, desde a alfabetização existem problemas.

Hoje todas as escolas estão alfabetizando somente em português. Elas acham que existe só o português no Brasil, mas tem muitas etnias que são esquecidas, deixadas de lado. Muitas escolas não sabem o ritmo de aprendizado dos alunos. Cada ser humano tem o seu ritmo de entender as coisas. O seu ritmo, o seu tempo. Que todos nós temos o nosso próprio tempo de aprender.

Não é somente nas 4 horas que estamos na sala de aula, que a gente aprende. A grande maioria dos educadores atuais sufoca as crianças na sala de aula. Mas ele não nasceu para ficar todo este tempo em sala de aula. O prestar atenção da criança tem de 40 a 50 minutos para determinado assunto. Passou disso, ela se desliga.

As crianças que estão na nossa sala de aula, também estão passando por um processo de crescimento, estão crescendo, estão vivendo. Elas querem estar focadas em todos os detalhes a sua volta. E nós professores muitas vezes não acompanhamos isso, porque a educação escolar, ela é pensada para a empresa, para construir, para aprender, para mexer uma máquina dentro de uma empresa. A escola acaba sendo pensada dentro dos moldes empresariais.

O trabalho que a escola tem que fazer é o de abrir o caminho para esta criança caminhar. O professor deve abrir o caminho para a criança andar com as próprias. Por isso

nos próximos momentos deste trabalho irei falar sobre experiências possíveis dentro de uma escola indígena e não indígena, entendendo a escola como um espaço intercultural.

4.3 Experiências: a contribuição da educação Kanhgág na proposta de uma educação intercultural

Irei apresentar agora, algumas práticas de ensino que realizei dentro do Curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de refletir a Pedagogia diferenciada desde a perspectiva Kanhgág.

A **primeira experiência** foi realizada com alunos do 3º ano na Escola Municipal Artur Ostermann, em São Leopoldo.

Atividade proposta com a turma foi a confecção de um livro. Este livro visava lembrar práticas importantes dentro da cultura indígena, estabelecendo relações com o que podemos observar na comunidade hoje. O que mudou? O que ainda está incorporado dentro deste espaço? Os alunos precisavam estabelecer as relações, pesquisar e completar a atividade proposta.

Parti de um princípio de oralidade, onde primeiramente o professor deve registrar aquilo que os alunos já sabem sobre a temática apresentada, respeitando sempre as diferenças e peculiaridade do contexto indígena.

Percebi que como educador, para se trabalhar algumas temáticas, se faz necessário um planejamento sistemático e o acompanhamento do professor para que o mesmo se realize e obtenha os resultados esperados.

As experiências de vida devem ser aproveitadas e isto acaba enriquecendo a aquisição e assimilação dos conhecimentos dos alunos envolvidos neste contexto.

Os trabalhos que foram feitos mostraram como foi de extrema importância o planejamento ter sido direcionado desde o princípio para a escrita, a produção textual, partindo sempre dos conhecimentos já incorporados pelos alunos. As experiências de vida foram sempre aproveitadas por mim e isto acabou enriquecendo a aquisição e assimilação dos conhecimentos de muitos alunos envolvidos neste contexto.

4.3.1. Primeira temática: livro sobre as vivências indígenas

CAPA DO LIVRO

Livro: POVO Kanhgág

Nome do aluno:.....

As casas de antigamente



As casas de hoje



A alimentação dos kanhgág



A base da alimentação era o milho, de onde se faz uma bebida chamada Kiki, uma espécie de milho fermentado, misturado com água e mel. Esta bebida é servida nas festas e rituais indígenas.

Os remédios



As ervas são remédios indispensáveis utilizados para se restabelecer a saúde. Camomila, boldo entre outros.

Como era assada a carne



Essa técnica é chamada de moquéim. Para realizar o processo é necessário um jirau, espécie de grade de varas verdes apoiada em esteios e forquilhas nas extremidades. No moquéim, o calor deve ser moderado, por isso as brasas são feitas com galhos secos e gravetos para que os alimentos sejam assados sem queimar. Folhas de bananeira podem ser usadas para acondicionar a carne a ser preparada.

A canjica



Prato da alimentação indígena

O bolo de cinza



O pinhão



As roupas de hoje





4.3.2. Segunda temática: trabalhando os números a partir do contexto

Nesta atividade, propus aos alunos uma atividade com cartelas, que deveriam completar com os números que fazem parte do seu cotidiano.

- MINHA VIDA EM NÚMEROS -

a) Meu nome completo	(nome e sobrenome)
b) O número de letras utilizado foi?
c) Eu nasci no dia ____ no mês ____ no ano de _____.	Reescrita dos números utilizados:
d) Hoje eu tenho _____ anos.
e) No ano de 2022 eu terei _____ anos.
f) O número do meu sapato é _____.
g) Eu tenho _____ irmãos.
h) Em minha casa moram _____ pessoas.
i) O número de minha casa é _____.

j) eu me levanto às _____ horas.	-----
l) O número do meu telefone é _____.	-----
m) Minha altura é _____.	-----
n) O número do meu documento de identidade é _____.	-----
o) O número do meu CPF é _____.	-----
p) O número de filhos que tenho é _____.	-----

A contextualização é importante, principalmente dentro do contexto indígena, pois assim alunos conseguem estabelecer relações, completando as atividades com êxito.

Objetivo desta atividade foi levar os alunos a perceberem que estamos inseridos num sistema que está rodeado pelos números, que eles fazem parte do nosso cotidiano.

Como finalização, propus que aos alunos fizessem um cartaz, para sistematização da atividade, demonstrando onde mais podem observar os números no dia a dia.





Depois, apresentei outra forma de escrita e compreensão dos números, que é matemática Kanhgág.

OS NÚMEROS	EM PORTUGUÊS	EM KANHGÁG
0	ZERO	TÚ
1	UM	PIR
2	DOIS	RÉG'RE
3	TRÊS	TÉNTÚ
4	QUATRO	VÉNHKÉKRA
5	CINCO	PÉG'KAR

Dessa forma, os números foram contextualizados e os alunos assimilam o conteúdo de forma prática. Cabe ao educador ressaltar a importância de utilizar o que os alunos trazem de suas experiências de vida, fazendo destas práticas formas de conhecimento e aprendizagem.

Devo sempre enfatizar que a “variedade das práticas de alfabetismo possíveis e suas relações com outras peculiaridades culturais são construídas na pluralidade da cultura e, nessa medida, devem ser compreendidas e valorizadas.” (KLEIMAM, 1995, p. 245).

A **segunda experiência** foi sobre alfabetização e letramento dentro da cultura Kanhgág, na Escola Estadual indígena Voga, na modalidade EJA. A classe tinha 14 alunos no início das aulas, que tiveram seu começo no segundo semestre de 2013. As aulas começaram em agosto, mas meu estágio começou dia 09/09/2013 e foi até o final das aulas em 11/12/2013. Destes alunos, cinco eram mulheres e nove homens. Todos com idade variadas, de 16 até 48. Nesta turma, todos já sabiam ler e escrever o português, pois já haviam passado por um processo de escolarização anteriormente. Estavam retornando agora como uma oportunidade de aprimorar os seus estudos e melhorar as suas condições de trabalho.

Surgiram neste momento muitas questões para mim, tais como: e na escola indígena, como se dá o processo de alfabetização e de letramento dentro da cultura Kanhgág? Quais as dificuldades dos indígenas na sua alfabetização, dentro de um idioma que não é sua língua materna? Para responder a essa pergunta, foi observado durante o período de duas semanas, o cotidiano escolar de uma turma de alfabetizados indígenas, que estão complementando os seus estudos na escola regular. Uma das autoras que trata dessa temática é Trindade (2009), em que é ressaltada a importância do letramento e da língua materna para facilitar o processo de alfabetização. Além da observação feita em sala de aula, foram realizadas entrevistas com a professora da turma, a direção da escola, bem como feita a análise da produção escrita desses alunos e seus processos de leitura e interpretação de texto. Os dados coletados permitiram uma discussão em torno de como a cultura indígena precisa ser compreendida dentro dos processos de alfabetização da escola regular de ensino.

O povo Kanhgág tem seu idioma próprio, sua língua e cultura, composta de ritos e tradições indígenas. Vivem em comunidade, falando no seu próprio idioma, desde o nascimento. Como atualmente não vivem isolados, aprendem também o português, mas somente de forma oral, até a chegada na escola.

A oralidade é muito importante para este povo. Rodas de contação de histórias pelos antigos kujá e caciques costumam ser montadas diariamente. Nessas conversas a tradição, os costumes, cultura e o idioma são preservados. É nessa troca que as palavras são ensinadas, mas somente de forma oral, não escrita.

O português também acaba fazendo parte deste contexto, devido as conversas com as crianças maiores, que já estão na escola regular. Há uma troca de palavras, brincadeiras, leituras e contos em português, que invadem o território onde anteriormente só existia o idioma kanhgág.

Dentro desse contexto de bilinguismo, dois idiomas se cruzam, os alunos partem primeiro para a escola indígena da aldeia, onde são alfabetizados em kanhgág e depois vão complementar os seus estudos, a partir do 4º ano, na escola regular de ensino, próxima a aldeia onde o idioma é o português.

Na chegada à escola regular, o português passa a ser a primeira língua. O kanhgág não é mais mencionado. Os alunos não são usuários do português no cotidiano da comunidade onde vivem.

Nas semanas de observação, constato já as primeiras dificuldades, que muitas vezes levam os alunos a desistir de seus estudos como comprovado na fala das crianças descrita abaixo:

Eu não sei o que é aeromóvel, nunca ouvi essa palavra. Pode me explicar o que isso significa? (L.A.-9 anos, 4º ano).

As produções textuais também são todas em português. Os alunos apresentam muitas dificuldades, tanto de escrita como de interpretação, pois acabam colocando termos “fora” do contexto, conforme transcrito:

A estrada da vila.... Ia andando... A estrada é grande.... Pode ser gigantesca, Tá toda espixada... (A.L.-10 anos, 4º ano).

O professor não consegue entender o que o aluno realmente quis expressar. Frases ficam sem nexos dentro de um contexto de produção textual.

Em entrevista com a professora da turma, a mesma ressaltou as dificuldades encontradas por esses alunos indígenas. Qual seria a solução? Como esse bilinguismo que atravessa os muros da escola pode ser solucionado? Como melhorar o rendimento escolar dos mesmos? A temática de uma educação que vise atender a essa demanda específica fica clara nas palavras da professora:

Eu acredito que esses alunos indígenas devam ser introduzidos no português desde o 1º ano. Assim as dificuldades poderiam ser menores e sanadas com maior facilidade. (M.A.-Professora, 4º ano).

A direção da escola visa atender a todos os alunos que ingressam em seu sistema de ensino, mas ressalta as dificuldades, desde as limitações de professores à falta de materiais.

A partir da análise do material coletado percebi que a inserção dos alunos indígenas alfabetizados em língua kanhgág e inseridos após este processo, na rede regular de ensino, estão só começando.

Concordo com Trindade (2009) onde a autora resalta que:

O modo de vida dos alunos e suas experiências cotidianas de escrita na família em esferas como as de trabalho, de lazer ou religiosa, entre outros, podem ser considerados em um planejamento inicial na área da alfabetização [...] é necessário levar em conta a língua materna, envolvendo reflexão em torno da relação entre os sistemas alfabéticos, fonológico e ortográfico de constituição de palavras com idiomas diferentes. (TRINDADE, 2009, p.43).

Fazem-se necessários mais estudos nessa área, buscando soluções para essa temática, que envolve tanto o modo de alfabetização em um idioma que não é o materno, como na inserção desses alunos indígenas num ambiente de uma escola regular de ensino.

A **terceira experiência** que ocorreu dentro da mesma escola foi o Projeto pedagógico desenvolvido, que partiu desde o princípio de que os alunos já eram alfabetizados no português, e era necessário contemplar a oralidade dos alunos. Valorizando sempre dos relatos que cada um trazia, dos seus cotidianos, construí o plano de estudo a ser abordado com esta turma.

Os próprios alunos ajudaram a construir o plano de estudos. Temáticas que eram comuns dentro da filosofia indígena foram por mim abordadas, tais como:

- Organização social;
- Significado e valores dos nomes;
- A origem do mundo;
- Tempo e horários;
- Saúde, vida e corpo.

O meu objetivo principal era resgatar a escrita kanhgág, pois os alunos sabiam escrever no português, mas a grande maioria não sabia mais escrever dentro do seu próprio idioma. Eram muito bons na oralidade da língua, mas não no registro escrito. Por este motivo, posso afirmar que desenvolvi, durante este período de estágio, uma pedagogia bilíngue, que atendia a dois idiomas específicos: Português e Kanhgág.

Lembrando também que estes relatos que eram falados de forma oral, precisavam ser resgatados e registrados de forma escrita, pois “através da decodificação da palavra, o alfabetizando vai-se descobrindo como homem, sujeito do todo o processo histórico.” (FREIRE, 1967, p.32).

Na primeira parte da aula, eu trazia o tema que seria abordado com os alunos naquele dia. Em seguida, os alunos se reuniam e trocavam ideias sobre o tema apresentado. No

quadro, era feito o registro do que cada aluno sabia sobre o tema, as inferências de cada um. O tema apresentado era então trabalhado por mim. Utilizei histórias orais contadas pelos antigos kujá e os mais velhos, para entender estas temáticas dentro da visão indígena.

Na última parte da aula, os alunos faziam o registro escrito do que haviam aprendido no caderno.

Estabelecemos um quadro de avaliação das aprendizagens. Nele os alunos faziam o registro das aprendizagens da semana, que traziam as seguintes observações: que aspectos que deveriam ser analisados pelos alunos sobre o tema apresentado na semana? O que chamou a atenção? O que ficou em dúvida? O que gostaria de saber mais sobre o tema?

Este quadro foi um importante norteador do meu trabalho. A partir dele o meu planejamento de desdobrava para a próxima semana. Lembrando que sempre que os alunos registravam que tinham dúvida sobre o tema, incentivava os mesmos a pesquisa, que fossem procurar as respostas, fazendo muitas vezes entrevistas com os mais velhos da comunidade para entenderem melhor a temática que estava sendo por nós trabalhada em sala de aula.

Esse método de pesquisa também era utilizado por mim, lembrando que muito pouco material escrito sobre os Kanhgág está disponível como material didático a ser utilizado tanto por parte dos professores como dos alunos. E necessário sempre a pesquisa e busca constante de informações dos mais velhos, para conseguir trabalhar dentro desta visão indígena.

Um dia da semana, os alunos tinham destinado a fazer a transposição didática dos aprendizados mais importantes, transpondo as palavras do português para o Kanhgág. Lembrando que para este tipo de atividade se desenvolver, tive que apresentar novamente o alfabeto Kanhgág, pois muitos já não sabiam o mesmo.

Algumas transposições feitas pelos alunos, estão colocadas em quadros, para análise das dificuldades encontradas:

Parte I

<i>Kafej= flor</i>	<i>Exemplos de palavras significativas, mas trabalhadas de forma isolada, sem frases ou textos.</i>
<i>Kafénh= folha</i>	
<i>Kysã= lua</i>	
<i>Kaká= rosto</i>	

Kysã= lua

Na primeira parte, os alunos não lembraram de utilizar as vogais. Quando iam fazer o registro escrito, na transposição só apareciam as consoantes.

Tive que trabalhar várias vezes palavras, utilizando as vogais como destaque, para que as mesmas fossem memorizadas, para depois aparecerem nas produções como aprendizagem.

Este bilinguismo, que é tão difícil de ser encontrado e trabalhado em sala de aula, exige de nós enquanto docentes, preparo na construção de um material didático adequado (que seja escrito e oral também, com músicas, danças, cantigas...), que possa ser trabalhado no contexto escolar, mas também fora dele, pois é fundamental que a escola saiba e compreenda que a educação Kanhgág não se dá apenas dentro da escola.

Uma das coisas mais difíceis para mim enquanto docente, é que muitas vezes, ao tentar me expressar no português, não encontro as palavras similares ao que deveria ser transmitido. É necessário, a construção de um dicionário de sinônimos, para tentar diminuir as distâncias entre os dois idiomas, pois a função maior no domínio de um idioma é aproximar e nunca afastar.

Como nos fala Paulo Freire:

Por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importa no sentido de sua humanização. (FREIRE, 1987, p. 64).

Todo o contexto precisa ser valorizado e todo o conhecimento aproveitado, gerando novos saberes, sem discriminação, pois precisamos segundo Santomé (1988) de:

[...] professoras, professores, estudantes e grupos sociais convencidos do valor da educação, apesar de todo tipo de obstáculos, continuarão abrindo novas brechas, desenvolvendo práticas educacionais mais democráticas, nas quais garotos e garotas pertencentes a grupos sociais não-hegemônicos não serão discriminados. (SANTOMÉ, 1998, p.15).

Espero também como educador, partindo do idioma materno que cerca estes indígenas, uma alfabetização que faça sentido, que possam através da decodificação dos códigos alfabéticos compreender melhor o mundo que os cerca, lutando pelos seus direitos e deveres,

enquanto etnia. Pensando dentro desta perspectiva, penso que devo buscar “um método abrangente, pelo qual a palavra ajuda o homem a tornar-se homem. Assim, a linguagem passa a ser cultura. Através da decodificação da palavra, o alfabetizando vai-se descobrindo como homem, sujeito de todo o processo histórico.” (FREIRE, 1987, p.32).

4.4. Experiências: uma viagem para encontrar Rodolfo Kusch (e meu povo)

Este pequeno relato de viagem descreve as muitas vivências que ocorreram em minha viagem a Maymará, na Argentina, em outubro de 2017, para participar de um Congresso sobre Rodolfo Kusch. Trago este diário de viagem para encerrar essa difícil caminhada que foi escrever este trabalho, para pensar que toda caminhada seja a do corpo ou da escrita nos conduz a algo desconhecido, estranho. Mas ao viajar e ao escrever faço o encontro com meu povo.

O objetivo maior é descrever as muitas sensações e sentimentos que afloraram em mim ao realizar esta viagem, descrevendo a pequena cidade de ruas empoeiradas, rodeado por sentimentos que agora tento descrever no papel. Algumas coisas ficaram latentes e até o momento pulsam dentro de mim. A educação que tem como foco maior a “humanização”, que tanto li nos escritos de Rodolfo Kusch e a certeza maior que nosso legado a ser deixado não deve ser a da busca incessante pela riqueza, pela aquisição dos bens materiais. Eles se vão, se perdem com o pó e com os cupins. Mas aquela sabedoria que fica registrada nos livros e na memória dos povos é um legado permanente. Pude vislumbrar a educação que vai para além da vida e que constrói sonhos descritos por Freire. Traço um paralelo do modo de viver indígena calmo, manso e sem marcação de tempo determinado, com os habitantes do lugar. A valorização das pequenas coisas que nos rodeiam e que pode transformar o cenário de qualquer espaço diferenciado e adequado as suas demandas. E a educação indígena onde devemos parar de afirmar nos bancos escolares realidades que não são nossas. Devemos aprender a construir de novo o caminho, respeitando as diferenças de cada um e observando as belezas do caminho. Elas têm tanto a ensinar, basta estarmos dispostas a olhar. É a

descrição da “América Profunda” que ficou em mim fortemente entranhada, com os ensinamentos de um grande educador: Paulo Freire.

4.4.1. A chegada à Maymará

A travessia pelo caminho era a típica de uma viagem dentro da normalidade. Uma viagem longa, cansativa. Meus pés doíam pela posição incômoda depois de várias horas dentro do ônibus. As horas e os dias parecem que se arrastavam lentamente. Quando o corpo cansava daquela posição incômoda, finalmente vencido pelo cansaço, conseguia afinal dormir.

De repente sou acordado pelos meus colegas de viagem. Vejo alguns com seus telefones em mãos fotografando para fora do ônibus. Meu colega Mateus coloca a câmera praticamente para fora do ônibus, buscando uma melhor posição para registrar o momento. Meus olhos nem acreditam o cenário que passo então a deslumbrar.

Diante de meus olhos está uma das cenas mais lindas que os mesmos já registraram. Nem sei se um dia terão a oportunidade de vislumbrar novamente. Montanhas enormes tomam conta da estrada e tenho a sensação de ser tragado para o centro da terra. A montanha ora se projeta diante de mim com a cor rosa e outras vezes com um marrom bem vivo, quase avermelhado. Entendo então o que Rodolfo Kusch diz ser “América Profunda”, pois estas cores e a sensação de ser tragado pela terra ficam fortemente em mim entranhadas.

Que lugar é esse? É a primeira pergunta que em vem à mente no momento. E a montanha não é pequena, o trajeto segue por quilômetros sendo rodeado por elas, ora grandiosas, ora menores, mas elas estão lá, assim como o sol que começa a aparecer de forma tímida por entre imensidões de pedras.

Lembro dos textos lidos em aula, penso agora que “dar sentido ao mundo, supõe conciliar a ideia de pureza dos índios, com as coisas sumidas no ‘hervidero espantoso’”. (KUSCH, 2000, p.43). Que hervidero é esse? Que sensação de que tenho muito a aprender que toma conta de mim? São perguntas que chegam rapidamente a mente, mas que não tenho neste momento condições de pensar, pois a beleza que aparece diante de meus olhos é difícil de descrever e calcular.

Quando afinal chego à cidade, fico em uma pequena pousada, um pouco distante do centro. Isso faz com que os deslocamentos tenham que acontecer para que eu participe dos eventos a qual me inscrevi e vá olhando as pessoas pelo caminho, as casas. Essa mistura diária, faz com que me sinta integrado, não existe para mim um estranhamento pois percebo que são todos indígenas como eu. É como se eu tivesse voltado ao passado.

Chego à “bodega” para comprar comida. Tento ler de novo a placa, para me certificar se fiz a leitura correta. Afinal, o espanhol não é meu idioma originário e tenho dificuldades de fazer a leitura corretamente. Pergunto a minha colega Ana se li correto: “Bodega”? É isso mesmo? Entro em um lugar simples, uma mulher prepara a massa do pão ao fundo. Um balcão imenso de madeira tosca. O pão embrulhado em papel de manteiga, como a muito não mais acontecia em meu cotidiano. As pessoas caminhando pelas ruas, sem pressa, conversando umas com as outras.

Reflico se esta era a colocação “por uma visão de mundo baseado somente em este mero dar-se para a vida, ainda que isso não é realmente uma sabedoria.” (KUSCH, 2000, p.230). Será que não é mesmo uma sabedoria? Viver e somente viver a vida, é isso que de fato sinto aqui neste ambiente, e dentro deste contexto, como se de repente tudo tivesse parado, e agora precisasse aprender a viver dentro da calma e escutando as coisas simples da vida.

Esse é o viver indígena que carrego dentro de mim, mas que devido as muitas demandas que nos assolam diariamente, algumas vezes acabamos nos esquecendo. O falar calmo, a mansidão que encanta os meus alunos, e tempo que para mim é diferenciado, pois não posso e não devo fazer nada apressadamente, preciso e devo em concentrar. Essas coisas todas que sempre fizeram a diferença dentro de outros espaços por onde transito, agora para mim estão sendo naturalizadas.

4.4.2. Os passeios pela cidade de Kusch

Ao transitar por estas estradas de terra e com este povo simples e hospitaleiro que me sorri, penso que agora devo refazer os passos de Rodolfo Kusch. Quero sentir a “América Profunda” por ele descrita.

Começo descrevendo a “Palheta do Pintor”, onde cheguei com pouco fôlego, mas não desisti de chegar até o topo. Aquela imensidão de pedra, que ora apresentava uma cor, outra

hora outra. Lá em cima, uma gruta lindíssima me aguardava. Vários escritos entalhados de preces e promessas atendidas. Destaco para este momento a fé que não nos separa em todas as partes do mundo e que muito nos impulsiona diariamente.

A visita ao Jardim botânico onde procurei encontrar várias flores coloridas, e só vislumbrei caminhos de cactos. E cada cacto com sua peculiaridade, seu tamanho e ao final suas flores lindas, que antes nunca tinha visto e que encheram meus olhos com suas cores distintas e seus cheiros. Se eu pensava isso a respeito de um cacto, o que imaginar do resto? Recordo nesse momento a “importância do resgate de um pensar indígena, é importante, pois abre a compreensão da América povoada ultimamente por ideologias dispares.” (KUSCH, 2000, p. 259).

E o que dizer dos frutos que esta terra oferece? A maçã é verde e pequena, por vezes muito mais suculenta daquela que faz parte do meu cotidiano. Sinto a sensação que tudo deve deixar-me experimentar, num misto de que aqui as regras ficam guardadas por um pouco de tempo. É hora de experimentar, experienciar, simplesmente viver.

Vou então ao cemitério. Presto a minha homenagem a Rodolfo Kusch. Que neste momento me ensina tanto da América. Vejo um túmulo em destaque, dentro de um cemitério simples. Recordo neste momento que “sabemos que a morte predomina sobre a vida. É o domínio do extermínio sobre a construção e, portanto, da não vida sobre a vida.” (KUSCH, 2000, p. 239). Mas neste caso específico será que a morte predominou sobre a vida? Creio que não. Rodolfo Kusch não está mais entre nós fisicamente, mas suas obras, seus escritos e seu pensar sobre a América ficaram a quem quiser encontrar as respostas.

Lembro aqui a importância de “aprender a escrever a própria vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicar-se.” (FREIRE, 1987, p. 5). Sinto isso muito forte aqui neste ambiente, como se cada um de nós devesse contribuir, construindo sua própria história e trajetória.

Ao me dirigir a casa onde Rodolfo Kusch morava, sigo por uma estrada de chão. Sinto a poeira entrando por meus dedos, pois hoje optei por andar por estas ruas de chinelo. Queria sentir o que sentem as pessoas que aqui moram ao andar por estas ruas. Sinto uma sensação de que devemos ser humildes, vivendo com simplicidade.

Ao chegar à casa que pertenceu a Rodolfo Kusch, sinto um choque. Casa simples. Deixou-me adentrar por uma porta que está entreaberta. Vejo móveis rústicos e simples.

Como tudo o que já havia analisado até então. Observo sua máquina antiga de escrever. Peço licença para tirar uma foto na sua escrivaninha, sentado na sua cadeira. Paro por uns minutos imaginando como foi sua trajetória ali sentado, suas longas horas de leitura e estudo que devem ter o acompanhado, afinal ninguém produz nada sem muito esforço e dedicação. Imagino seu caminhar solitário, muitas vezes incompreendido. E a obra ser reconhecida depois de sua morte. Mas sua preocupação não devia ser dinheiro. Não vejo nada que me remeta a ganho pessoal aqui neste ambiente. Somente a satisfação de ter sua obra cumprida e finalizada. É a “humanização”, que tanto buscamos como pessoas e educadores, que transforma e valoriza as pequenas coisas que nos rodeiam. Recordo o que aprendi nas muitas leituras de outro grande educador Paulo Freire e de repente tenho a impressão que os discursos se cruzam ao lembrar que:

Que as classes populares são detentoras de um saber não valorizado e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, nos mostra a relevância de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo provocando uma leitura da realidade na ótica do oprimido. (FREIRE, 1987, p. 50).

A primeira aprendizagem que levo para mim desses dias aqui em Maymará é a imensidão da montanha, que nos inquieta, ensina e nos leva a refletir. Não somos nada se comparados a essa imensidão que nos cerca. Ela é tão imensa que nos faz pequenos e nos leva a refletir sobre a nossa finitude. Sabemos que iremos partir, mas ela ficará lá esplendorosa a esperar novos admiradores.

Será que os novos admiradores que contemplarão este espetáculo da natureza aprenderão tanto como eu? Será que saberão dar a devida atenção? Serão capazes de aprender com o silêncio, com a contemplação? São perguntas que agora me veem, neste instante quando para refletir um pouco sobre o que aprendi nestes dias e levarei para sempre comigo.

Temos muito a aprender olhando os cenários que estão a nossa volta. As casas simples na grande maioria feitas de barro, mas onde pessoas se reúnem ao final da tarde, com suas portas abertas, para repartir o pão. O encontro ao final da tarde, na “bodega” para a compra do pão e do leite. Esse viver simples que tantas vezes é esquecido e que tem tanto a nos ensinar. A pausa que precisamos para aprender a olhar e admirar somente.

As flores de cactos que muito me encantaram e que encontrei algumas vezes plantadas em vasos na frente de algumas residências nas minhas andanças pela cidade. Cada uma cor

sua cor e beleza, enfeitando e perfumando o ambiente. Isso tornava o cenário mais bonito e me remetia a uma volta ao passado. Como se de repente o tempo neste lugar tivesse parado. A civilização ainda não tivesse de fato chegado aqui.

Penso que estes saberes e experiências aqui vividas não são só minhas. Pertencem a nosso grupo de viagem, que agora vai contar como cada um sentiu, como cada um experienciou. E estes saberes e experiências serão compartilhados, onde todos aprenderão juntos.

Não voltaremos mais como aqui chegamos. A imensidão da montanha sempre será vista com outros olhos. A pausa que cada um fez para refletir sempre será lembrada. E esse viver simples, sem apego aos bens materiais, esta “humanização”, que encontramos neste lugar tão distante fará a diferença em cada um como ser humano, isto acabará refletindo em nós como educadores também, ao estarmos como nossos alunos no cotidiano da sala de aula.

A experiência vivida por mim em Maymará, levou-me a pensar que este sistema de educação indígena que busca “humanizar” deve ser buscado, não somente nas escolas indígenas, mas em todas as escolas, para que no futuro tenhamos um mundo mais digno e humano.

Lembrando que segundo estudado em Kusch (2000, p. 54):

[...] tudo isto América a existe porque é um continente de afirmações [...] são todas formas afirmadas por outros e introduzidas entre nós sem que tenhamos participado de sua criação. Por isso a América tem afirmações sobre uma realidade e sobre objetos que não são nossos.

Devemos parar de afirmar nos bancos escolares realidades que não são nossas. Não participamos deste método de ensino, desta seleção de conteúdos que nos está sendo imposta. Devemos aprender a construir de novo o caminho, respeitando as diferenças de cada um e observando as belezas do caminho. Elas têm tanto a ensinar, basta estarmos dispostas a olhar.

Enfatizando conforme estudado que "conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer." (FREIRE, 1987, p. 15).

5. O CAMINHAR CONTINUA...

Não posso escrever palavras finais ou conclusão, pois a caminhada só está começando. Tenho um longo caminho ainda a percorrer.

Os temas que foram por mim abordados, na escrita dessa dissertação de Mestrado, só são uma parte dos inúmeros registros orais, que precisam ser escritos.

Alguns nunca ficarão registrados no papel, pois pertencem a oralidade e a sabedoria do povo Kanhgág. Ficarão para sempre na memória, fazendo parte de uma prática onde a escola é a vida que corre no cotidiano das aldeias e comunidades.

Fiz neste trabalho um resgate de algumas memórias que podiam ser registradas. Muitas ainda precisam ser estudadas e serem reconhecidas no meio acadêmico

Por este motivo, digo que a caminhada só começou. Há um longo caminho ainda a percorrer.

Resgate de um povo com sua história, dentro de sua sociedade e antropologia própria, pois a cultura de meu povo apresenta uma concepção de humanidade. Mostrei nesta caminhada o respeito do povo Kanhgág por tudo que o cerca e, ao mesmo tempo, está dentro de nós. Recuperei a compreensão de nosso tempo, contexto e vivências. Foi possível ver os vários rostos que circulam pelos espaços da aldeia, escola, da vida e que ensinam através da simplicidade de seu existir, como é possível caminharmos em direção de um mundo mais respeitoso das diferenças.

Mas a caminhada apenas se inicia...



Figura 14

REFERÊNCIAS

A BIBLIOTECA VIVA dos **mais velhos**. Entrevistas feitas com mais velhos da etnia Kanhgág, 2017.

ÁLVAREZ MÉNDEZ, J.M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas (Organizadoras). **Povos Indígenas & Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BRASIL. **Lei Federal nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em 23 de abril de 2017.

CLAUDINO, Zaqueu Key. **A formação de pessoa nos pressupostos da tradição da educação indígena Kaingang**. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do Rio Grande do Sul, PPGEduc, Porto Alegre, 2013.

FERREIRA, Bruno. **Educação Kaingang: processos próprios de educação escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

_____. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Publicação original 1996.

KLEIMAM, Ângela. **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KRESÓ, Pedro. O kiki permanece. In: Vykág, Adão Sales et al. **Textos Kanhgág.** Brasília: APBKG/DKA - Áustria/MEC/PNUD, 1987, P.80-81.

KUSCH, Rodolfo. **Obras completas. Tomo II.** América Profunda. Primera edición 1962. Rosario, Argentina: Fundación Ross, 2000.

HERNANDÉZ, Fernando. **Gestão educacional.** Revista Brasil Escola, 2010.

LUCIANO, Gersém José do Santos. **Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro.** Contra Capa.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento social brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SANTOMÉ, Jorge Torres: **As origens da modalidade de currículo integrado.** In: _____. *Globalização e interdisciplinaridade.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. P. 9 – 23.

TFOUNI, Leda Verdiani(org). **Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas.** Campinas: Mercado das Letras, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **Gêneros Textuais em Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento**. Agosto de 2009, Caxias do Sul, RS, Brasil.

VEIGA, Juracilda. **Índios da América do Sul - Religião e Mitologia, Índios Kaingang, Cosmologia, Onomástica**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2000.